n. 43 2021

SOUZA EAD
Revista Acadêmica Digital

Periodicidade - Mensal



ÍNDICE

Editorial 03

O CAPITAL INTELECTUAL E A COMPETITIVIDADE. 05
BRITO. Elton Gonçalves de. Págs. 05 – 18.

TRANSTORNOS DE ANSIEDADE NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: EFICÁCIA DAS INTERVENÇÕES EM TERAPIA COGNITIVO – COMPORTAMENTAL. 19
Levindo de Rezende Mendes. Págs. 19 – 30.

REFLEXÕES ACERCA DA LUDICIDADE PARA OS DOCENTES ATUANTES NO ENSINO FUNDAMENTAL 31
SANTI, Rosania Lima de. Págs. 31- 47

A ADOLESCÊNCIA E O CUIDADO DOS PAIS – UM CAMINHO PARALELO ATÉ A MAIORIDADE 48
SILVA, Rosenei dos Santos. Págs. 48 - 61

A DISPRAXIA COMO TRANSTORNO DISTINTO QUE AFETA A CAPACIDADE DE APRENDIZAGEM
BICKEL, Rosinete. Págs.

Editorial

HOMENS: NÃO DEIXEM SEU NOVEMBRO PASSAR EM BRANCO

O movimento **Novembro Azul** originou-se na Austrália, em 2003, com intuito de alertar, aos homens, acerca da necessidade de fazer a **prevenção e diagnóstico precoce** de doenças que os acometem e, para além, devem entender que, também, precisam se cuidar. A abordagem da conscientização está focada em divulgar ações importantes, que irão exibir a causa, sintomas, tratamento e prevenção do câncer de próstata e, está voltada em prol da saúde e vida masculina.

Como dito, anteriormente, a pessoa do sexo masculino deve cuidar da saúde, para tanto, deve exercitar fisicamente e mentalmente, ter alimentação equilibrada, não fumar, evitar bebidas alcoólicas, praticar sexo seguro e fazer exames de próstata regulamente. Contudo, em função do preconceito acerca da prática do exame de próstata, muitos homens possuem aversão e, negam realizá-lo, favorecendo um futuro diagnóstico positivo e avançado da doença, consequentemente, passíveis de óbitos.

O hábito de realizar o **check-up** regularmente, ainda é considerado a melhor forma de se prevenir da doença, favorecendo a possibilidade de ser tratada em estágios iniciais. Para tanto, há a necessidade de consultar, periodicamente, com um urologista. O médico irá prescrever exames de sangue denominado antígeno prostático especifico (PSA), toque retal e, quando necessário, será realizada a biopsia, com intuito de comprovar o diagnóstico da doença.

Dentre os sinais e sintomas apresentados, em caso de **câncer de próstata** avançado, o paciente poderá ter micção frequente, fluxo urinário fraco ou interrompido, vontade de urinar, frequentemente, à

noite, sangue na urina ou sêmen, fraqueza ou dormência nas pernas ou pés, disfunção erétil e, dores no quadril, costas, coxas, ombro, quando há a dispersão da doença.

Sendo específica, o dia 17 de novembro foi escolhido como dia mundial ao combate ao câncer de próstata. E, o auge dessa **conscientização,** acerca da doença, vai ao encontro com a preocupação com o alto índice de incidência do câncer de próstata, o qual ocupa o segundo lugar no ranking de causa de óbitos da população masculina, perdendo para o câncer de pele, do tipo não melanoma.

No Brasil, o movimento Novembro Azul chegou em 2008, pelo Instituto Lado a Lado pela Vida em parceria com a Sociedade Brasileira de Urologia. Seu início foi vislumbrado para **derrubar o preconceito**, quebrar tabus, incentivar homens a consultar e realizar os exames necessários para a detecção da doença, de forma precoce.

A FaSouza abraça essa causa e destaca a importância dos seres masculinos se tornarem conscientes acerca da gravidade em relação ao diagnóstico do câncer de próstata e as suas implicações, em contrapartida, se faz necessário **criar hábitos a favor da manutenção da saúde.**

Portanto, **HOMENS** se cuidem e, deixem seu **NOVEMBRO AZUL.**

Marcos Alexandre de Souza
Diretor Geral da Faculdade Souza

O CAPITAL INTELECTUAL E A COMPETITIVIDADE

BRITO. Elton Gonçalves de [1]

RESUMO

Este estudo tem a intenção de mostrar a excelência a importância dos recursos humanos em relação ao capital do intelecto nas entidades, mensurar o valor do mesmo como uma valiosa vantagem na competitividade e sucesso de uma determinada empresa, seja ela de serviços e/ou consumo, por dentro de suas estratégias nas práticas da administração. O setor de RH tem a obrigação de identificar os talentos, retê-los, e/ou dando treinamentos para a adição e capacitação para o engrandecimento de habilidades de seus colaboradores para que ao mesmo tempo transferem esses conhecimentos no tratamento dos clientes que fazem negócios com esta empresa. Diversos estudos já apresentados mostraram que o intelecto é de estrema importância para a validade de uma entidade, e para se superar diante da competitividade, e garantir seu sucesso futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Organizações, Recursos humanos, Capital Intelectual, Capital Humano, Capital de Cliente.

1. INTRODUÇÃO

Observando através de estudos se nota que desde os tempos passados, vem ocorrendo mudanças no meio social que resultou em um processo de globalização mundial com o rápido crescimento das tecnologias como, a informática e a telecomunicação.

Pesquisas sobre o capital intelectual, humano e do conhecimento nas organizações tem se tornado cada dia mais frequentes no Brasil e no mundo. O grande interesse dos pesquisadores é analisar e ampliar ainda mais os seus conhecimentos sobre a enunciação apresentado.

A gestão do conhecimento irrompe se tornando a cada dia uma ferramenta necessária no processo de desenvolvimento, onde a sociedade se encontra

[1] **Elton Gonçalves de Brito, Aluno do curso MBA em Gestão de Pessoas e Recursos Humanos da Faculdade Souza de Ipatinga. E-mail: elton_eltongbrito@hotmail.com**

atualmente, pois as empresas vêm sendo reconhecidas e aceita por seus valores que não podem mais diferenciar-se somente na quantidade e na rapidez de produção. Nesse caso, para que as corporações possam obter sucesso e continuar se destacando no mercado da concorrência elas precisam reconhecer os recursos humanos que possuem, criar investimentos em capacitações, identificar as habilidades e incentivar os colaboradores para o se desenvolverem profissionalmente, e também pessoalmente, a entidade deve também estabelecer uma política que possa desenvolver uma informação mais clara e precisa sobre o conhecimento e as estratégias que possuem para o alcance dos objetivos. Sem o envolvimento das pessoas torna-se em vão qualquer tipo de trabalho existente. Nesse caso notemos como é de imprescindível importância a realização de uma obra que mostre como o capital intelectual pode ajudar no desenvolvimento do saber, e as vantagens na competição da corporação.

Sabemos bem que o domínio que um indivíduo possui é intangível, mas quem disse que não pode ser medido? O preço de mercado de uma corporação não necessita somente do patrimônio físico, mas principalmente do seu capital intelectual. Para a firma sobreviver ela irá depender diretamente das qualidades das pessoas, tanto individualmente quanto em grupo para elaboração de bons produtos e serviços de primeira qualidade, para isso ocorra, é preciso de uma equipe bem preparada e qualificada, principalmente intelectual.Com isso, o capital intelectual vem se destacando por ser um conjunto de ferramentas encontradas nas empresas de tamanha importância, por isso a inovação da inteligência se sobressai em relação a inovação monetária.

1.1. A ORGANIZAÇÃO E O SETOR DE HUMANAS

Sabemos plenamente que todas as entidades são constituídas de forma básica pelos seres humanos, sem esses colaboradores seria impensável a existência de uma empresa, pois para que exista uma organização e que seja de sucesso é obrigatoriamente a existência de pessoas.

> "Dentro desse contexto, uma das áreas empresariais que mais sofre mudanças é a área de recursos humanos (RH). As mudanças são tantas e tamanhas que até o nome da área está mudando. Em muitas organizações, a denominação administração de recursos Humanos (ARH) está sendo substituída por termos como gestão de talentos humanos, gestão de parceiros ou de colaboradores, gestão de competências, gestão do capital

> humano, administração do capital intelectual e até Gestão de Pessoas ou Gestão com Pessoas. **(**CHIAVENATO, 2010 p.2) “

Tenha visto que a ideia sobre capital humano se desenvolveu muito rápido nos últimos anos. As instituições buscam identificar pessoas que produzem o capital para os empreendimentos por meio de suas atribuições, e habilidades de inovar. Dentro das competências de um indivíduo são incluídos as habilidades, educação e atitudes, tudo isso se refere a condutas, porém é a capacidade de inovar que pode resultar em mais valor para uma entidade. O acumulado de conhecimentos juntamente com as habilidades, experiência, educação, capacidade de inovação, flexibilidade, autocontrole, autoconhecimento, o espirito disciplinado, cultura e filosofia soma-se o capital humano.

Chiavenato (2010 p,38) afirma com clareza que, o capital financeiro causou a deixa para um dos recursos mais importantes para as corporações, o capital financeiro está trocando de lugar com o capital intelectual, podendo sim, acrescentar mais vantagens competitiva a um empreendimento, isso garante que o empreendedor aumente de forma perceptiva a qualidade dos seus produtos/serviços e conquiste uma melhor posição no mercado, e ao mesmo tempo agregando mais valor humano, reconhecendo as capacidades e habilidades dos colaboradores dando oportunidades do mesmo poder conquistar melhores salários e planos de carreira.

Um dos ativos que fazem compartimento com entidade é o capital humano, as corporações precisam desenvolver e aproveitar o máximo que puder todo esse talento, porque ele será cada vez mais umas das principais vantagens da competitividade, serão esses que desenvolverão os demais capitais para a entidade como estrutural e clientes. O capital humano é o primordialmente responsável para garantir um futuro para a empresa, não contendo uma gestão bem equilibrada dessa exigência, nenhuma organização alcançará as metas e os sucessos, posteriormente não irá conquistar os resultados que tanto deseja.

É de estrema importância reconhecer que um colaborador não é e nuca será uma simples peça de descarte, que ele executará somente o serviço operacional, mas é necessário dar-lhe o valor por suas experiências, cultura e vivencias operacionais,

pois tudo isso somado junto gera um resultado de uma força evolutiva para a empresa. Avaliar as habilidades, e capacidades dos indivíduos é necessário para valorizar a pessoa como um colaborador dando-lhe o correto encaminhamento de sua obrigação conforme observado durante sua atuação.

A prioridade de um empreendimento é obter a responsabilidade com os seus funcionários de modo que possam obter uma combinação nas tarefas de forma potente e competitiva. A busca cada dia maior por eficiência profissional tem impulsionado uma competição fervorosa para o melhoramento do seu saber pessoal para que possa ser utilizado em benefício das organizações.

Existem alguns fatores quer estimulam os colaboradores a viverem com mais compromisso com a entidade onde trabalha, esses fatores devem ser identificados e entendido pelo gestor, uma vez descoberto esses fatores que dá ânimo e força para o desenvolvimento humano em relação ao executar com qualidade as tarefas impostas, o líder deve examinar como que esses fatores atuam para diminuir ou aumentar a qualidade, sendo assim ele poderá canalizar esses fatores que geram esses poderes comportamentais em um sentido construtivo.

É de imaginável importância que os empregadores compreendem que os colaboradores na execução de suas tarefas não são apenas seres comuns que podem ser substituídas quando lhe der na cabeça, mas sim valorizar esses funcionários com o um ativo de grande valor como qualquer outro da casa, e principalmente, que os operários podem ter seus valores aumentados ainda mais conforme o tempo e experiência adquirida na empresa, e não os deprecia-los.

Chiavenato (2010) sai em defesa dizendo que a gestão de pessoas é garantir que a entidade tenha um agrupamento de grandes talentos observando e valorizando a missão e a visão, é o primordial e mais importante encargo desta área, treinando e instruindo os colaboradores a estarem dispostos a fazer com que a organização atinja seus objetivos. E ele assegura ainda que são os colaboradores que trazem valores as corporações através das habilidades, capacidades e competências.

Cada empreendimento possui uma identidade especifica, uma forma especifica, mesmo sendo do mesmo seguimento, cada uma tem o seu recurso representado

especialmente pelo capital humano que a compõe, isso tem se transformado cada dia mais em produtividade e lucro, em faculdade de competitividade e da imensa e eterna luta pela sobrevivência.

2. CAPITAL INTELECTUAL

Como já foi dito, sabemos profundamente que o conhecimento é intangível, e que não existe uma forma para mensurar o quanto pode ser medido. O preço de mercado de uma empresa não necessita somente do patrimônio físico, mas principalmente do seu capital intelectual.

Para uma entidade qualquer poder sobreviver ela irá depender diretamente das qualidades das pessoas, tanto individualmente quanto em grupo para geração de produtos/serviços de primeira qualidade, para isso ocorra é preciso uma estrutura sólida de colaboradores bem treinados e capazes de gerar valor para a casa.

Com isso, o capital intelectual vem se destacando por conter um aparato de ferramentas encontradas nas empresas de fundamental importância, por esses motivos que a inovação da inteligência se sobressai em relação a inovação monetária. E para que o capital intelectual possa existir no interior de uma entidade será preciso reunir três elementos:

1. **O capital humano**: equilibrado de conhecimentos, inteligência, capacidades, empatia, flexibilidades, com poderes para inovar, habilidades e que adote os valores e filosofias da organização.
2. **Capital estrutural**: equipamentos, softwares, banco de dados, patentes, marcas, e tudo que irá apoiar o trabalho dos colaboradores para produzirem mais e melhor.
3. **E por último o capital de clientes**: aquele bom relacionamento com o cliente, a ponto do próprio cliente se superar pela forma de tratamento que recebeu.

Por motivo da expansiva relevância sobre avaliação do capital intelectual, as entidades deixam transparecer que a correta interpretação do conhecimento que existe dentro da empresa autoriza a sua melhor utilização, pois não deixa de ser uma escolha bem-sucedida para gerar uma boa estratégia de ação. O capital intelectual pode ser visto de inúmeras formas, conforme os pontos de vista de estudiosos, autores, organizações e estudantes, entretanto o tema continua

mantendo em seu íntimo o mesmo entendimento e importância para garantir uma gestão bem equilibrada nas empresas.

Chiavenato (2010 p.5), é bem claro quando diz que o capital intelectual é um bem intangível da empresa, todas elas possuem um capital intelectual, porém nem todas es empresas classificam ou reconhecem esse bem tão importante dando denominações variadas aos colaboradores. É de fato que o empregador que possui esse recurso, com certeza ele possui um ponto a mais na competitividade com relação aos seus "inimigos" concorrentes, uma fatia a mais no mercado é um lucro a mais para a organização.

> "A denominação dada as pessoas reflete o grau de importância que elas têm para as organizações. Muitas organizações ainda classificam seus funcionários em mensalistas e horistas para separar o pessoal que trabalha nos escritórios e nas fabricas, respectivamente. Outras ainda cometem o absurdo de chamá-los de mão-de-obra direta ou indireta. E outras vão mais além: chamam-nos de pessoal produtivo e improdutivo. A maneira como as organizações denominam as pessoas que nelas trabalham tem um significado importante: essa denominação sinaliza claramente qual é o valor que elas atribuem as pessoas. (CHIAVENATO, 2010 P.5) "

Pois cabe ressaltar a importância de conhecer as capacidades e as competências que uma empresa possui. É de Tamanha importância para uma corporação avaliar o grau de adaptação e das suas demandas do ambiente, entretanto ela deve ter um total domínio das tecnologias presentes no mercado, um conhecimento mais detalhado dos clientes e de suas concorrentes, sem contar no monitoramento de novas tendências que surgem a todo momento colocando em risco o seguimento da entidade, e ela alcança esses objetivos com pessoas. É importante ter um conhecimento dos seus ativos intangíveis para avaliar se a empresa tem a capacidade de alcançar seus objetivos, com os ativos intelectuais de valor, lotado na empresa. São eles que cooperam para atingimento das metas e propósitos, e amplia a memória organizacional, uma vez identificando e reconhecendo com o devido valor esses indivíduos chave, de fato eles podem ser mais bem aproveitados, é melhor que ficar uma vida inteira investindo e reinventando essas capacidades dentro da entidade.

Interessante dizer que o capital intelectual tem sido avaliado como uma fonte inesgotável de riquezas, para os humanos dotados das capacidades e também para

as organizações, e não parando por aqui, esses se tornam propriedades tanto de um quanto da outra.

“Chiavenato (2010) ” fala que os cooperados internos da entidade devem ser vistos como sócios, pois eles que fornecem toda a inteligência, atribuição e poder para as corporações, são funcionários que trazem para a empresa a chance de romper as fileiras do mercado, se tornando mais à frente das concorrentes, podendo oferecer produtos/serviços de qualidade, conquistando a confiança e fidelidade dos consumidores. Colaboradores não são apenas empregados com contrato empregatícios, eles são sócios do empreendimento, como cita abaixo:

> “Mas as pessoas devem ser visualizadas como parceiras das organizações. Como tais, elas são fornecedoras de conhecimentos, habilidades, competências e, sobretudo, o mais importante aporte para as organizações: a inteligência que proporciona decisões racionais e que imprime significado e rumo aos objetivos globais. Neste sentido, as pessoas constituem parte integrante do capital intelectual da organização. As organizações bem-sucedidas se deram conta disso e tratam seus funcionários como parceiros do negócio e fornecedores de competências e não mais como simples empregados contratados. (CHIAVENATO, 2010, P.10) ”

Sendo assim, conforme exposto pelo escritor e os especialistas do tema, é possível assegurar sem hesitar que o capital intelectual da firma é o seu recurso de maior importância para agregar valor ao negócio, em compensação esse recurso é um retorno de investimento importante para si mesma, esses retornos não acontecem quando não são investidos no conhecimento e no referencial humano.

Uma pessoa adquire conhecimento através da experiência, praticando, estudando, adquirindo habilidades importantes ao cargo ou função que exerce ou que irá exercer, o indivíduo tem a obrigação de desenvolver uma visão sistêmica, raciocínio lógico, e analítico, atitudes e comportamentos éticos, postura padrão em conformidade com a política estabelecida no interior da organização onde a pessoa presta serviço como colaborador.

O gestor (a) de RH é o profissional que analisa os cargos e suas funções para analisar um perfil mais adequado através do recrutamento e seleção com dinâmicas em grupo ou individual, aplicação de testes, entrevistas e outras formas adotadas por cada instituição.

Veremos alguns exemplos que diferenciam competência, habilidades e atitudes:

Competência

- Conhecimento tático;
- Experiência na área que irá atuar;
- Espirito empreendedor;
- Capacidade e facilidade em se comunicar, persuasão, conhecimentos de informática, boa formação superior; etc.

Habilidades

- Dons para liderar;
- Administrar com sabedoria os conflitos;
- Boa comunicação;
- Poder da eloquência;
- Poder de coerência.

Atitudes

- Cheio de empatia;
- Bem-humorado;
- Ter boa criatividade e inovar;
- Andar concentrado nas tarefas, ser observador;
- Ser dono de uma boa memória, etc.

Administrar pessoas é uma maximização dos recursos de uma organização, abraçando a missão e a visão, depositando todo respeito e dando o máximo de si no cumprimento das metas.

3. O CAPITAL INTELECTUAL E SUA ESTRUTURA

O capital intelectual conforme alguns autores, podem ser divididas três partes importantes, sendo: capital humano, estrutural e do cliente. Os indivíduos oferecem necessariamente o capital humano, com capacidade de oferecer resultados positivos aos clientes, o profissional deve possuir uma capacidade de compreender, oferecer, persuadir, e agradar o cliente, satisfazendo seus desejos e necessidades, compete a administração dos recursos humanos da empresa em complemento, dar valor e total apoio aos clientes. Entretanto os lideres tem a obrigação de fazer é reter todo

conhecimento fazendo que se torne propriedade da instituição, isso se chama capital estrutural.

É de total importância que uma corporação conheça bem os seus clientes, mantenha uma relação próxima, mais amigável e gentil para que os clientes se sintam parte da casa, como pessoas especiais. Conhecendo a cultura, o gosto, e vontades, garante um bom relacionamento e ao mesmo tempo, a instituição é retribuída sendo priorizada sempre.

Conforme é relatado por CHIAVENATO (2014), para que uma firma possa ter um bom capital de clientes, primeiro se deve investir nas pessoas internas da empresa, ensinando-as como servir um cliente de uma forma que eles se sintam importante para o negócio, para que eles possam ter satisfação ao consumir os produtos/serviços oferecidos pela empresa.

> "Para mobilizar, engajar e utilizar plenamente as pessoas em suas atividades, as organizações estão mudando conceitos e alterando as práticas gerenciais. Em vez de investir diretamente em produtos e serviços, estão investindo em pessoas que entendem destes e que sabem como criá-los, desenvolvê-los, produzi-los e melhorá-los. Em vez de investir diretamente nos clientes, estão investindo nas pessoas que os atendam e os sirvam e que saibam como satisfazê-los e encantá-los. E ganham mais com isso. As pessoas passam a constituir o elemento básico do sucesso empresarial. Eles fizeram uma observação e perceberem que o relacionamento com os clientes pode ser categorizado em uma classificação fendida como capital de clientes, sublinhando como como maior importância para a valorização da organização. (CHIAVENATO, 2014, P. 6) "

Capital intelectual e a união de inúmeros elementos destacando o conhecimento, informação, domínio do intelecto, experiências. Tudo isso compondo-se por elementos chamados de capital estrutural, humano, e de cliente, esse conjunto forma o capital intelectual dentro dos ativos intangíveis para as empresas, se tornando em um fator de grande importância para a seu crescimento, desenvolvimento e permanência no marcado.

3.1. CAPITAL HUMANO

A teoria de capital humano deu origem nos últimos séculos. Os funcionários levam o capital para as organizações por meio de suas competências únicas, suas habilidades e a capacidade de está inovando. As competências de um ser humano

incluem a sua aptidão e atitude as condutas, inovando e renovando. É essa capacidade de estar sempre inovando que gera mais valor para uma determinada companhia. Esses quesitos se referem ao capital humano.

Esse referido é todo aquele conhecimento que foi acumulado, a habilidade, toda experiência, cultura e dedicação do colaborador. O capital físico e financeiro com certeza pode acrescentar, e muito, valor ao capital humano abrindo portas para o colaborador aumentar sua produtividade e ao mesmo tempo sendo retribuído, podendo obter uma remuneração melhor por suas habilidades e experiências profissionais, um plano de carreira mais atrativo, ao mesmo estante, o capital humano ajuda de maneira importante para a produção de capital físico, assim as pessoas qualificadas tem mais chances de inventarem novos modelos de trabalhos e conquistar novos negócios.

O capital humano é sem dúvidas um ativo caro e poderoso de uma organização, e o objetivo é reter esses talentos e aproveitá-los ao máximo para desenvolverem produtos e serviços de maior qualidade e vantagem competitiva. São eles que desenvolverá os demais capitais para o empregador em estrutura e clientes. É o pilar central, é o responsável pelo que virá pela frente, é o futuro da companhia, é o sucesso, é a perspectiva de que ela permanecerá no mercado.

É esse o segredo da inovação e do renovo que o capital humano estabelece dentro da firma. Chiavenato (2014), fala que o capital humano diz respeito exclusivamente aos colaboradores e nunca deve ser de faculdade intrínseca da empresa, capital humano são as pessoas em geral, e elas emprestam todo esse conjunto formado por habilidades, competências, capacidade individual, compromisso à organização. Capital humano de uma entidade irá sempre aumentar conforme que esta entidade utiliza mais e mais o saber das pessoas, e quanto for maior o número de colaboradores mais valor terá a empresa, são essas pessoas responsáveis por agregar valores a organização, elas possuem muito talento e vasta experiência, criando produtos e serviços tornando-os os principais motivos para que os clientes se fidelizem, elas não irão achar motivos para procurar a concorrência.

> “Competências dos colaboradores: envolve a capacidade de agir em diversas situações para criar ativos tangíveis e intangíveis. Embora a competência individual não seja propriedade da organização – pois pertence a cada pessoa –, ela deveria ser incluída no balanço patrimonial

> dos ativos intangíveis; é impossível conceber uma organização sem pessoas. (CHIAVENATO, 2014, P.475)

Deu para perceber o quanto é importante reconhecer a necessidade de renovar e aprimorar os conhecimentos de uma organização, dividir as experiências individuais e construir um ambiente com esperança de crescimento potencial da criatividade dos empregados, transformando a vida deles, e dando um diferencial competitivo para o empregador.

3.2. CAPITAL DO CLIENTE

Podemos afirmar conforme os estudantes nato do assunto que, o capital de cliente é todo aquele valor gerado através dos relacionamentos de uma entidade com as pessoas, cidadãos que fazem negócios com a empresa. Seus relacionamentos constantes geram um valor de franquia frequentes entre indivíduos e organização. Os resultados sem dúvidas, estão relacionados diretamente na fidelização, gerando a satisfação e ao mesmo tempo a retenção dos clientes.

Encontrasse basicamente três classes de clientes: aqueles que dão melhoria na imagem através de referência, depoimentos e propaganda; esses tipos de clientes são muito valorosos; Aqueles que melhoram a organização, exigindo soluções mais sofisticados, dando melhoria a estrutura interna da casa; e por últimos aqueles clientes que provocam a competência da organização, eles contribuem com ideias e projetos que causam desafios a capacidades dos funcionários fazendo de forma literal que os colaboradores aprendam com eles. Mas também como afirma Chiavenato (2014), as empresas têm a missão de agradar de modo geral, um grupo que recebe o nome de “stakeholders” como cita a baixo.

> “Os clientes e os consumidores contribuem para a organização adquirindo bens ou serviços e incrementando seu faturamento. Os colaboradores oferecem seus préstimos e garantem as operações do negócio. Cada um desses parceiros da organização contribui com algo na expectativa de obter um retorno pela sua contribuição. Modernamente, todos esses parceiros são denominados stakeholders (do inglês stake = interesse e holder = aquele que possui). Muitas organizações utilizam meios para conseguir a inclusão de novos e diferentes stakeholders para consolidar e fortificar seus negócios e expandir suas fronteiras por meio de alianças estratégicas (CHIAVENATO, 2014, P.8).

É sabido que já estamos na era da informação, e conquistar um cliente nos dias de hoje não é tão simples como jogar um anzol em um riacho com uma isca esperando que o peixe chegue até sua armadilha para pegá-lo. Com a chegada de era da informação e digital, as pessoas são bombardeadas de todos os lados pelas mídias, disparando informações de produtos e serviços, a pescaria agora é com as redes, onde a quantidade de peixes são dezenas de vezes mais do que pescar um peixe com um simples anzol. São lançadas inúmeras redes nos riachos da informação e do conhecimento que hoje cercam as pessoas.

Esse capital de clientes são todas as conexões, independentemente de quais sejam elas, que do lado externo da empresa, possuem relacionamento com ela, somam a fidelidade do cliente e as fatias conquistadas no mercado. É muito importante a consideração dos clientes como ativos da empresa, pois são exatamente eles que garantem a funcionalidade das organizações, sem contar com o capital intelectual e os recursos humanos.

Com o advento da tão esperada era da informação que chega junto com a indústria 4.0, chamada de “A Quarta Revolução Industrial” carregando com ela a força econômica. É de estrema importância paras as instituições aproveitarem esse novo cenário tecnológico para criarem estratégias de negócios que gerenciam o relacionamento com o cliente, criando investimentos em pessoas e estruturas. O capital do cliente é igual ao capital humano, as entidades não podem dominar de forma grosseira, a força o cliente e nem os humanos, menos ainda o intelectual. Mas as empresas podem passar a enxergar o consumidor, o capital de pessoas e o intelectual como o pilar central da sua existência e da sua permanência no mercado.

O setor de recursos humanos é um dos mais importantes setores de uma empresa, é através do RH que estratégias podem ser criadas para agregar valor ao capital intelectual e humano da casa, e ao mesmo tempo fazendo com que os trabalhadores transmitem todo essas habilidades em forma de bons relacionamentos para com os clientes.

Esses elementos devem ser observados pelas companhias através de uma boa gestão, reconhecendo esse conjunto como os ativos intangíveis de grande valor, quando uma empresa entender de fato que isso é sem dúvidas um grande valor, muitas rotinas ultrapassadas serão substituídas por novas estratégias que estão

chegando junto com a quarta revolução industrial, as que não derem a mínima, não terão seus negócios futuramente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos como é importante dar valor e ao mesmo tempo investir no capital intelectual e humano, pois essas atitudes estratégicas tem demonstrado grande importância para o alcance do sucesso de uma organização.

As entidades depositando mais autonomia no setor de RH, cria uma estratégia infalível para desenvolver todo esse talento, talento que soma eficazmente para uma importante relação com os clientes, para que toda a instituição esteja envolvida um uma só visão e missão, dos quais são, os consumidores.

Foi notado observando o autor citado que as instituições estão em uma corrida cada dia mais acirrada em busca de profissionais qualificados, capacitados, ou que abrace as filosofias da empresa no mesmo pensamento de negócio, buscam por colaboradores que estejam dispostos a ter senso de dono, senso empreendedor, senso de urgência, e senso de valor, uma boa aptidão para raciocínio lógico, oferecendo soluções, apresentando projetos e ideias criativas no trabalho, tudo isso forma um conjunto essencial para acelerar, crescer, expandir os negócios.

Contudo, foi bem notado que o capital humano e intelectual passou a ser a principal fonte de lucros para o empregador, por isso ao se fala em investimentos no capital humano entendemos que essa filosofia se torna cada dia mais, uma cultura dentro das entidades. Quando os recursos humanos de uma sociedade valorizam o colaborador, imediatamente deve ser compreendido pelo o empregador que esta atitude foi de investimento e não uma despesa. As organizações precisam investir mais quesito humano que cada uma delas possuem, assim será criado maiores retornos de receitas.

Entretanto, fica a conclusão que reconhecendo o valor do capital intelectual como o principal criador de fortuna, será sempre necessário dar uma atenção especial a gestão. Toda a informação deve der compartilhada dentro dos setores envolvidos na estratégia com o objetivo de observar, avaliar e dar valor aos talentos revelados da entidade, valorizando a gestão do talento e usar esses conhecimentos a favor da instituição como um ativo intangível transformando os negócios da empresa.

REFERENCIAS

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas:** 3.ed.- Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2010, p. 10.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas:** 3.ed.- Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2010, p. 5

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas:** 3.ed.- Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2010, p. 2

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de Pessoas: O novo papel dos recursos humanos nas organizações. -** 4. ed. -- Barueri, SP: Editora Manole Ltda, 2014. P.8

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de Pessoas: O novo papel dos recursos humanos nas organizações. -** 4. ed. -- Barueri, SP: Editora Manole Ltda, 2014. P. 475

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de Pessoas: O novo papel dos recursos humanos nas organizações. -** 4. ed. -- Barueri, SP: Manole, 2014. P. 6

TRANSTORNOS DE ANSIEDADE NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: EFICÁCIA DAS INTERVENÇÕES EM TERAPIA COGNITIVO – COMPORTAMENTAL

TORRES, Noemi Sousa[2]

RESUMO

O presente artigo é uma revisão bibliográfica que tem por objetivo a análise da eficácia das terapias cognitivo-comportamentais evidenciadas em estudos e pesquisas clinicas para o tratamento dos transtornos de ansiedade na infância e adolescência, sendo de grande relevância a compreensão da distinção dos termos eficácia, citado nesse artigo, e efetividade, normalmente utilizados por profissionais de forma equivocada. Realizou-se um estudo de publicações em livros, teses, pesquisa eletrônica, foi descrita as principais técnicas utilizadas no tratamento da ansiedade, e apresentado dois protocolos de tratamento e prevenção da ansiedade: Coping Cat e o programa Friends. Os estudos e pesquisas mencionados evidenciaram resultados significativos quanto a remissão dos sintomas, duração dos efeitos após intervenções e o aumento de habilidades socioemocionais em crianças, na prevenção da ansiedade e depressão. Observa-se também que a estrutura, as metodologias dos programas são extremamente relevantes para a eficácia do tratamento, mas é preciso considerar nas escolhas das intervenções, a capacidade cognitiva do indivíduo, no caso de crianças com deficiência, por exemplo, e ainda se faz necessário enfatizar a necessidade da implementação de programas com foco na prevenção e promoção de saúde mental, considerando principalmente o papel da família e escola no desenvolvimento da criança e do adolescente, no entanto o que se observa, são as dificuldades relacionadas a disponibilidade no desenvolvimento do programa e o custo financeiro que se torna inacessível.

PALAVRAS CHAVE: ansiedade, Terapia cognitivo-comportamental, eficácia, criança, adolescente.

1.INTRODUÇÃO

Segundo a American Psychiatric Association (2014) “Os transtornos de ansiedade incluem transtornos que compartilham características de medo e ansiedade excessivos e perturbações comportamentais relacionados. Medo é a

[2] *Bacharel em Psicologia.E-mail:psicogcomp@gmail.com

resposta emocional a ameaça iminente real ou percebida, enquanto ansiedade é a antecipação de ameaça futura".

Os quadros de ansiedade são classificados em: transtorno de ansiedade de separação, caracterizada por uma apreensão ou ansiedade relacionada as figuras de apego; fobia específica, caracterizada por apreensão e ansiedade relacionados a objetos ou situações que causam uma situação fóbica; ansiedade social caracterizada pela esquiva de situações sociais; transtorno do pânico, caracterizado por ataques de pânico inesperados e recorrentes, onde o indivíduo se torna apreensivo por temer novos ataques de pânicos, levando-o a situações de evitação; transtorno de ansiedade generalizada , caracterizada pela preocupação persistentes e desproporcional as situações, incluindo inúmeros sintomas físicos. (American Psychiatric Association,2014).

As terapias cognitivo-comportamentais têm sido apontadas como o modelo psicoterápico que apresenta os melhores resultados com relação a eficácia terapêutica, sendo a primeira opção no tratamento de diversas psicopatologias da infância como o TOD, TDAH, TEA, Transtornos de ansiedade, por exemplo. "Os transtornos de ansiedade são os que mais afetam crianças e adolescentes, com prevalência entre 4 a 20%" (Peterson et al, 2016, p.233). Quando identificados nesses estágios de desenvolvimento, observa- se uma predisposição para ansiedade na vida adulta, e mesmo com uma considerável prevalência do transtorno nessas faixas etárias, percebe-se dificuldades tanto no diagnóstico quanto no curso e prognostico.

São diversas as técnicas e modelos de tratamento destinados a intervenções na ansiedade em crianças e adolescentes, e estudos têm sido realizados com o objetivo de avaliar a eficácia desses modelos disponibilizados, o que tem sido e grande valia não só para a pratica clínica, como também nas outras áreas de atuação da psicologia. Nesse sentido, se torna de extrema importância a compreensão da definição e distinção do termo "efetividade" e o termo "eficácia" utilizado nessa pesquisa. O primeiro refere-se à probabilidade de uma intervenção fazer efeito, na pratica clinica comum (Sá, 2006). O segundo refere-se à probabilidade e uma determinada intervenção produzir efeitos em condições ideais,

controladas, com públicos recrutados para o tratamento e conduzidos por um pesquisador. (Sá, 2006).

2.PSICOTERAPIA

"A terapia cognitiva- comportamental, ou TCC, é uma forma de psicoterapia ativa, semiestruturada e limitada em relação ao tempo, cujo objetivo é aliviar problemas de saúde mental e de adaptação, abordando padrões cognitivos e comportamentais problemáticos que causam interferência e/ ou sofrimento emocional excessivo na vida." (WENZEL, 2018, p.01). Atualmente essa abordagem desenvolve importante papel na prevenção de problemas psicológicos e no desenvolvimento de habilidades consideradas fatores de prevenção aos transtornos mentais e outros problemas. (FAVA, 2016).

Em resumo, a TCC é uma terapia focal e breve, colaborativa, onde o terapeuta considera no processo a história de vida do paciente, nesse caso a criança. As técnicas cognitivo-comportamentais devem ser planejadas conforme a queixa sintoma da criança, devem ser desenvolvidas em consonância com suas necessidades, objetivando o controle dos sintomas, e uma melhora na qualidade de vida da criança e do adolescente.

Conforme Fava & Martins (2006) a abordagem Cognitivo- comportamental tem como seu princípio básico o entendimento de que a pessoa tem particulares interpretações acerca de si mesmas, dos outros e do futuro. Essas interpretações influenciam a maneira como elas se sentem e agem sobre os fatos do dia a dia.

Ainda que os critérios diagnósticos dos transtornos de ansiedade em crianças sejam os mesmos critérios aplicados aos adultos, o processo de avaliação, investigação, intervenções são peculiares a esse público. (ASBAHR ,2004). Nesse aspecto, é necessário considerar as variáveis relacionadas ao transtorno, uma vez que algumas literaturas apontam a família como um fator de risco para o desenvolvimento e manutenção dos transtornos de ansiedade e depressão.

Na avaliação de crianças e adolescentes, a família e escola se tornam fontes importantes na coleta de dados. A investigação deve englobar todas as áreas de vida do paciente, dos possíveis estressores, os fatores desencadeadores e mantenedores, considerando o contexto psicossocial como um agravante.

É importante enfatizar que a psicofarmacologia também é indicação frequente no tratamento dos transtornos de ansiedade, em muitos casos apresenta excelentes resultados quando associadas a terapia, porém devendo ser indicada em casos onde há incapacitação do paciente, prejuízos interpessoais, sociais, devendo ser monitorados pelo psiquiatra, considerando o estágio de desenvolvimento, os riscos e benefícios, efeitos adversos da medicação.

3.TÉCNICAS COGNITIVAS e COMPORTAMENTAIS

As técnicas interventivas tem por objetivo a psicoeducação da criança na compreensão do transtorno, no reconhecimento dos sintomas e enfretamento. A criança aprende a identificar os processos cognitivos envolvidos num estado de ansiedade e recebe treinamento em relaxamento. (PETERSEN et al, 2011).

"Os componentes centrais da TCC para transtornos de ansiedade incluem: psicoeducação; reconhecimento e manejo das emoções; identificação de distorções cognitivas que aumentam a ansiedade; questionamento de pensamento e desenvolvimento de cognições que reduzem a ansiedade; exposição e prática; auto monitoramento e reforço, preparação para reveses." (STALLARD, 2010, p.29).

Em conjunto, as técnicas cognitivas e comportamentais buscam contribuir para o planejamento e desenvolvimento de novos comportamentos, que devem culminar com alívio dos sintomas, melhoria na qualidade de vida do paciente e capacidade de desenvolvimento de estratégias mais adaptativas para enfrentar as adversidades (MELO, LIMA, 2019).

3.1 Psicoeducação

Essa técnica consiste em instruir o paciente, a família, com relação ao diagnóstico, tratamento, modelo cognitivo, emoções. Sendo esse modelo colaborativo e informativo que pode se utilizar de diversos recursos para facilitar a compreensão e as intervenções necessárias.

3.2 Dessensibilização sistemática

Esta, diz respeito a um conjunto de técnicas de exposição/aproximação à experiência traumática, envolvendo três etapas básicas: treinamento do cliente ao

relaxamento físico, estabelecimento de uma hierarquia de ansiedade em relação ao estímulo fóbico e contra condicionamento do relaxamento como uma resposta ao estímulo temido, iniciando-se com o elemento mais baixo na hierarquia de ansiedade até chegar ao ponto mais alto dessa hierarquia previamente estabelecida na segunda etapa. No caso de crianças, é importante selecionar uma hierarquia com menor variabilidade, de modo que elas possam se beneficiar da técnica utilizada, como de 0 a 10, por exemplo.

3.3 Treino de habilidades sociais

Essa é uma técnica que tem por objetivo ensinar a criança e ao adolescente habilidades importantes para uma boa convivência social, sendo estas organizadas em 7 classes: autocontrole e expressividade emocional; civilidade; empatia; assertividade; fazer amizades; solução de problemas interpessoais; e habilidades sociais acadêmicas.

É também considerada um fator de prevenção de comportamentos de isolamento social, problemas de interação entre pares, como favorece também as habilidades acadêmicas.

3.4 Resolução de problemas

Essa é uma técnica dividida em etapas, onde a criança precisa identificar o problema, pensar em possíveis estratégias para solucioná-los, pensar nas vantagens e desvantagens de cada estratégia e por último a tomada de decisão. A criança aprende a lidar construtivamente com os problemas do dia a dia, pois quando não conseguem resolvê-los podem ser levados a um quadro de estresse, dando origem a tensão física.

3.5 Treinamento de relaxamento muscular progressivo (RMP)

Técnica desenvolvida por Jacobson, onde a pessoa aprende a influenciar de maneira ativa seu estado corporal e manejar o estresse, a raiva, a tensão trabalhando o tensionamento e relaxamento dos diversos grupos musculares. O paciente deve contrair (testa, olhos, mãos, braços, pernas) por 5 a 7 segundos e

depois relaxar por 30 a 40 segundos. Em crianças é ideal que se utilize metáforas para melhor compreensão do exercício.

3.6 Relaxamento diafragmático

Esse é um método que tem por objetivo a retomada do controle do corpo através do treino de respiração. A criança é instruída a puxar o ar lentamente contando pelo nariz contando até 3 e segurá-lo por um tempo, soltando de forma gradativa contando até 3. O exercício terá maior êxito em crianças menores com o uso de metáforas, por exemplo.

3.7 Reestruturação cognitiva

Essa técnica tem por objetivo ajudar o paciente a identificar os pensamentos relacionados ao seu sofrimento emocional, flexibilizando-os, ensinando o participante a responder de modo mais adaptativo a seus pensamentos.

3.7.1. Protocolos de tratamento dos transtornos de ansiedade em TCC

Alguns protocolos de tratamento baseados na TCC têm sido utilizados por muitos terapeutas em diversos contextos, no tratamento e prevenção dos transtornos de ansiedade em crianças e adolescentes. Estudos têm sido realizados para verificar a eficácia desses modelos.

“Em 1998, a APA estabeleceu uma força-tarefa para fomentar pesquisa na área clinica a fim de determinar quais tratamentos apresentam efetividade a partir de evidencias demonstradas pelos ensaios clínicos randomizados. Os tratamentos são avaliados em três níveis: bem - estabelecidos, provavelmente eficaz e possivelmente eficaz.” (PETERSEN et al, 2011, p.20).

O protocolo Coping Cat, criado por Kendall, em 1994, tem apresentado resultados significativos com relação a sua eficácia. Esse é um modelo estruturado que apresenta alguns conceitos básicos que são introduzidos para a criança ao longo do tratamento tais como: o reconhecimento das reações corporais como um indicador da presença de ansiedade, desenvolvimento de habilidades para enfrentar os estados ansiosos e modificar as emoções, introdução de autoinstrução eficaz para enfrentar situações através da reestruturação cognitiva, fazendo com que a

organização cognitiva deixe de ser um gatilho para a ansiedade (Petersen et al,2011, p. 237).

O programa é desenvolvido em 16 sessões, e tem por objetivos: o reconhecimento da ansiedade e as reações somáticas; detectar os pensamentos catastróficos nas situações que geram ansiedade; desenvolver um plano para enfrentar a ansiedade e avaliar o próprio desempenho e se reforçar. (Petersen et al, 2011, p.238).

Um ensaio clinico randomizado foi realizado para avaliar o programa de intervenção Coping Cat. Participaram desse estudo, 47 crianças entre 8 e 13 anos com transtornos de ansiedade social, ansiedade generalizada, e com evitaçoes. Os resultados obtidos indicaram uma melhora significativa, onde 66% da amostra não preenchia mais os critérios diagnósticos após intervenção. Os resultados foram mantidos após um ano de tratamento (Petersen, 2011).

O estudo acima apresentou resultados positivos com relação aos critérios da pesquisa, com um percentual significativo de remissão dos sintomas e duração dos efeitos das intervenções, comprovando a eficácia desse modelo de tratamento.

> Segundo Petersen (2011, p.20), “a TCC para crianças e adolescentes se mostra fortemente vinculada a essa tendência de buscar tratamentos experimentalmente comprovados”.

Outro estudo foi realizado com 22 crianças autistas, com o objetivo de avaliar se uma versão modificada do programa Coping Cat, poderia ser eficaz na redução da ansiedade, e apontou que crianças na condição de TCC evidenciaram reduções significativamente maiores na ansiedade do que aquelas na lista de espera. (Keehn, Lincoln, Brown & Chavira, 2012).

Nesse estudo, observou-se um resultado positivo, e uma melhora nos sintomas de ansiedade com relação ao critério da pesquisa, porém é importante a compreensão de que as intervenções com TCC para crianças com autismo devem considerar o grau de comprometimento, o nível intelectual da criança, para que as técnicas sejam eficazes.

Um estudo com 79 crianças e adolescentes, com idades entre 7 e 14 anos, com transtorno de ansiedade, foi realizado com o objetivo de avaliar a eficácia da TCC,

por meio do programa Coping Cat, associado a uma abordagem familiar. Os pacientes foram randomizados para TCC, TCC + abordagem familiar e para uma lista de espera. Após 12 semanas, os tratamentos indicados foram superiores à lista de espera, porém o tratamento que continha a abordagem familiar foi significativamente superior ao tratamento com TCC apenas. Observou-se que 84% dos pacientes que participaram da TCC + abordagem familiar não preenchiam mais critérios diagnósticos, comparados com 57% do grupo que participou da TCC e 26% do grupo da lista de espera. Os resultados foram mantidos a longo prazo, houve remissão dos sintomas de ansiedade, e não foi observado diferenças entre os tratamentos ativos. (Barret et al. 2001, (apud Isolan et al, 2007).

Observa-se que nesse estudo as intervenções com TCC + abordagem familiar, apresentaram resultados mais significativos quando comparados aos outros critérios da pesquisa, sugerindo que também, possa haver uma relação da participação da família, dos cuidadores com a eficácia do tratamento.

De acordo com Paiva et al (2019) o sucesso de uma intervenção com crianças pode estar relacionado ao modelo terapêutico e a participação de pessoas dos diversos contextos da vida do paciente.

Para Stallard:

> Dada as diferentes formas pelas quais os pais podem ser envolvidos em uma TCC focada na criança, a questão chave é se o envolvimento parental melhora a eficácia e, em caso positivo, qual é o melhor modelo de envolvimento. Essa questão é de suma importância para os clínicos no planejamento das intervenções e, no entanto, surpreendentemente, tem recebido pouca atenção (2010, p.63).

Alguns estudos que investigam a relação da participação parental nas intervenções e a eficácia do tratamento foram realizados, a exemplo temos um estudo com uma amostra de 54 crianças com idades entre os 8 e 12 anos e seus cuidadores, com o objetivo de caracterizar o envolvimento parental na terapia cognitivo comportamental com crianças ansiosas analisando os seus determinantes. Foram utilizadas escalas de avaliação durante as intervenções. Os resultados evidenciaram que 85,5% das

crianças apresentaram melhorias clínicas avaliadas pelo clínico, e a relação da eficácia do tratamento com o envolvimento parental. (Santos, 2013).

Outro programa que tem sido avaliado com relação a eficácia dos seus métodos, na prevenção da ansiedade e da depressão, é o programa FRIENDS.

Esse programa se baseia no desenvolvimento e manutenção de habilidades socioemocionais (resiliência) fortalecendo as habilidades que os indivíduos já possuem. O programa pode ser desenvolvido em diversas faixas etárias, tanto para o contexto clinico, quanto universal. Envolve crianças, professores, família e escola no processo de intervenção. (Petersen e cols., 2011).

Um estudo realizado em uma escola Clínica Universitária do Paraná, Brasil, objetivou avaliar a eficácia do Método Amigos em grupos de crianças. Participaram do estudo 10 crianças, de ambos os sexos, com idades entre 6 e 7 anos. Foram encontradas diferenças estatísticas significativas entre as fases da coleta de dados. Os resultados obtidos evidenciaram a eficácia do Método Amigos (Pavosk et al, 2018).

Outro estudo foi realizado no interior do Paraná, com 25 crianças, com idade entre cinco e sete anos e seus cuidadores, com objetivo de avaliar a eficácia do programa quanto a diminuição de sintomas de ansiedade e depressão e o aumento de habilidades socioemocionais. Os resultados foram satisfatórios para os dois critérios de avaliação (RINALDIN et al, 2019).

O desenvolvimento de habilidades socioemocionais é fundamental na prevenção de transtornos mentais, uma vez que a criança aprende a lidar, a reconhecer suas próprias emoções, as emoções do outro, aprende a lidar com situações adversas de forma assertiva, focando nos seus objetivos, tendo mais persistência no alcance das suas metas, respeitando seus limites, com um olhar mais positivo para os desafios, logo prevenindo problemas psicológicos, emocionais, interpessoais.

4.CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos apresentados demonstram que a TCC tem sido eficaz no tratamento dos transtornos de ansiedade em crianças e adolescentes. O programa Coping Cat citado na pesquisa, tem evidenciado resultados significativos, tanto na sua versão original, quanto na versão modificada para o tratamento da ansiedade em crianças

com autismo, apesar das críticas com relação aos tratamentos manualizados, apontados como sendo aqueles que “colocam em evidencia as atitudes e competência do terapeuta”.

Percebe-se que a estrutura metodológica e especificidade de um programa são fatores relevantes para a sua eficácia, no entanto observa-se que outros aspectos podem ser importantes no processo terapêutico e precisam ser considerados, como a construção do vínculo terapeuta- paciente; a conceitualização de caso; a escolha de técnicas adequadas, considerando o perfil do paciente; a participação dos cuidadores e de outras figuras significativas na vida da criança e do adolescente; entre outros. Sendo este último, um ponto de discordância entre alguns pesquisadores que sugerem não haver relação entre o envolvimento parental com a eficácia de um tratamento.

Diante do exposto, se torna pertinente destacar que, apesar de haver poucos estudos publicados no Brasil com o objetivo de avaliar a eficácia de um modelo de tratamento, tem se observado alguns estudos que objetivam avaliar a eficácia do uso de técnicas isoladas da TCC, no tratamento dos transtornos de ansiedade. Outra observação relevante, é a necessidade da implementação de políticas públicas na prevenção e promoção de saúde mental da criança e do adolescente; a inserção de programas como o FRIENDS, por exemplo, considerando o papel da família e da escola no desenvolvimento integral da criança e do adolescente, pois ao mesmo tempo que estes são considerados fatores de proteção, são também considerados fatores de risco para o surgimento e agravamento dos transtornos de ansiedade. Nesse sentido, também se faz necessário considerar alguns aspectos que dificultam o acesso ao tratamento psicológico, tais como, aspectos familiares, econômicos, culturais, sociais e religiosos.

Importante enfatizar ainda, que nos últimos anos a TCC tem contribuído de forma significativa para a melhoria do ambiente escolar e suas relações, no aprimoramento de técnicas e intervenções adaptadas para o trabalho em grupo frente as queixas que surgem nesse cenário.

5.REFERÊNCIAS

ASBAHR, Fernando R. Transtornos ansiosos na infância e adolescência: aspectos clínicos e neurobiológicos. Jornal de Pediatra: Jornal de Pediatra, Rio de Janeiro,2004- v. 80, n. 2, p. 28-33.

American Psychiatric Association. (2014). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5 [Recurso Eletrônico]. (5ª ed. M.I.C Nascimento, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed.

PETERSEN, Circe Salcides. Evidências de efetividade e procedimentos básicos para Terapia Cognitivo-Comportamental para crianças com transtornos de ansiedade: Ver. Bras. Psicoter.2011; 13(1): 39-50

FAVA, Débora (org.). A Prática da Psicologia na Escola: Introduzindo a Abordagem Cognitivo Comportamental: Belo Horizonte: Artesã, 2016.

GARCIA et al: Avaliação da eficácia do programa amigos divertidos (fun friends). Disponível em : http://dx.doi.org/10.9788/TP2019.4-08. Acesso em: 10 de nov. 2020.

ISOLAN et al: Tratamento do transtorno de ansiedade social em crianças e adolescentes Rev. psiquiatr. Clín. São Paulo. vol.34 no.3. 2007

KEEHN & col.: O Programa de Enfrentamento do Gato para Crianças com Ansiedade e Transtorno do Espectro do Autismo: Um Teste Piloto Randomizado Controlado, 2012.

MELO, Brígida; LIMA, Ana: A EFETIVIDADE DA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL NA REDUÇÃO DA ANSIEDADE INFANTIL. Rev. Psicol. Saúde e Debate. V. 6 n.1 pg. 213-226. Jul.2020.

PAVOSKI et al. Prevenção universal e promoção de saúde em grupo de crianças a partir do Método Friends. Revistas Eletrônicas. Paraná, v.49 n.2, 148-158. 2018.

PAIVA et al. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas v.15 n.pp.10-18.2019.

PETERSEN, Circe e col. Terapias Cognitivo-Comportamentais para Crianças e Adolescentes: Porto Alegre: Artmed,2011.

SÁ, Isabel. A investigação da eficácia da psicoterapia com crianças e jovens: da investigação de resultados a os processos de mudança. Revista Ibero-americana de Diagnóstico - e Avaliação Psicológica, vol. 1, núm. 21, pp. 89-110 .2006.

SANTOS. Envolvimento parental na terapia cognitivo comportamental em crianças com perturbações de ansiedade: caracterização e seus determinantes. Tese de mestrado Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia, 2013.

STALLARD, Paul: terapia cognitivo-comportamental para crianças e jovens: Porto Alegre-RS: Artmed: 2010.

WENZEL, Amy. Inovações em Terapia Cognitivo Comportamental: Intervenções Estratégicas para uma Prática Criativa. Porto Alegre: Artmed,2018.

REFLEXÕES ACERCA DA LUDICIDADE PARA OS DOCENTES ATUANTES NO ENSINO FUNDAMENTAL

SANTI, Rosania Lima de

RESUMO

Este trabalho objetivou realizar uma revisão de literatura acerca dos sabores que se transformam em saberes ao se trabalhar com atividades lúdicas no processo de educação formal na Educação Infantil. Para atender o objetivo proposto foi feito revisão sistemática da literatura apoiada em livros e artigos disponibilizados em periódicos digitais. Com a revisão foi possível compreender que brincar é uma característica da natureza instintiva da criança. Na infância essa manifestação é repleta de descobertas interiores e exteriores que direcionam o pequeno ser para o universo da aprendizagem. No ambiente escolar, as brincadeiras focam processo de educação, do conhecimento com cor, sabor, som, movimento, participação, interação, empolgação. É na escola que a criança tem seu primeiro contato com pessoas que não são sua família e nela, a criança começa a ser 'moldada' para viver em sociedade, da qual participará o resto de sua vida. Nesse sentido, as atividades lúdicas na educação formal é uma ferramenta poderosíssima na arte de ensinar e pode facilmente ser utilizadas pelo docente. Na escola, o lúdico favorece e amplia os aspectos de desenvolvimento da criança para a construção de diversas capacidades, auxiliando suas habilidades de acordo com a realidade de mundo que a cerca. É nesse contexto de envolvimento social que a criança adquire a cultura, observa as regras impostas pelos adultos e inicia o processo de construção de seu papel para viver em sociedade. As informações obtidas com este trabalho expressam a satisfação do docente que prioriza o ensino-aprendizagem em ambientes lúdicos. Além disso, subsidia outros pedagogos, especialmente aqueles que durante algum tempo resistem em fazer uma educação prazerosa, inteligente, independentemente dos recursos digitais que influenciam os pequenos nos dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Lúdico. Professor Pedagogo. Prática Pedagógica.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente o universo infantil encontra-se rodeado de mídias interativas em seu cotidiano. Entre os meios de comunicação social, a smart tv, smartfones, tabletes, entre outros recursos midiáticos influenciam não só a criança, mas as pessoas de todas as idades. Esses recursos são

interativos e atrativos. Na maioria das vezes é ofertado pelos próprios pais, ou responsáveis em função de terem pouco tempo proporcionar atenção e brincar com as crianças.

Em um contexto global em que a família, especialmente os pais são sempre muito atarefados, resta para a escola a tarefa de brincar, conversar, movimentar, proporcionar interação afetiva e cognitiva da criança com outras, com seu mundo interior com outras pessoas adultas. Em espaços escolares, as atividades lúdicas proporcionam o desenvolvimento físico-motor e cognitivo da criança. Entretanto, as crianças aprendem a brincar desde muito cedo e este aprendizado pode ser melhor aproveitado em atividades dinâmicas e atrativas.

Diante desse desafio, o modelo de ensino ofertado nas escolas de educação infantil pode não corresponder a atratividade concorrente dos meios digitais que a criança tem acesso junto a família. Se não correspondida, a criança tende a não acompanhar o raciocínio do professor e com isso ser caracterizada como desinteressada, problemática, entre outros adjetivos atribuídos aos alunos que não demonstram motivação para a aprendizagem em espaços formais como os escolares.

Nesse sentido, os profissionais pedagogos precisam atentar-se cada vez mais para a metodologia de suas práticas pedagógicas, em que as atividades de ensino precisam ser inovadas com cor, sabor, atração, movimento, interação, participação, entre outros aspectos palpáveis. Tudo isso sem perder o foco do processo de educação.

É importante que os métodos utilizados pelos educadores sejam inovados de forma a aproximar a atratividade, da ludicidade em suas aulas, inclusive com o uso dos recursos digitais quando possível, porque se tais recursos não forem usados na escola, inevitavelmente serão utilizados em casa. O acesso aos esses meios digitais permite a conexão da criança com o mundo exterior através de coisas, pessoas, animais, paisagens,

noticiários e isso pode interferir negativamente na formação da criança enquanto ser.

Infelizmente não se faz mais educação com crianças sentadas, enfileiradas, caladas, focadas no caderno, lápis, borracha, quadro de giz, entre outros recursos que muitos educadores ainda persistem em usar como ferramentas eficientes. Assim, é importante que no processo de formação, informação e educação os professores busquem e coloquem em prática uma metodologia mais dinâmica, interacionista, participativa e formativa aos estudantes.

É importante que os educadores considerem que a escola é o lugar onde se constrói o conhecimento formal, contribui com o não formal e desmistifica o informal. Esse aprendizado é mediado por um conjunto de coisas, de pessoas, entre outros fatores que direcionarão o futuro da criança no anseio de um mundo melhor. Nesse contexto, as atividades lúdicas podem ser aproveitadas nas mais diferentes praticas pedagógicas já que constituem uma poderosa ferramenta para o desenvolvimento integral da criança. Acerca desse assunto Santos *et al.* (2015) enfatizem que brincar faz parte da natureza da criança, além de permitir uma observação docente nos diferentes níveis de ampliação do conhecimento do aluno

Nesse contexto, brincar, participar, interagir, movimentar-se precisa ser uma estratégia diária importantíssima para a conexão do saber, não só na educação infantil, mas preferencialmente até o 9º ano, pois a ludicidade manifestada na prática do professor com foco na aprendizagem é considerada uma estratégia dinâmica para desenvolver todos os aspectos das crianças. É importante reforçar que as atividades permeadas pela ludicidade nas diferentes fases de aprendizagem da criança, enquanto recurso metodológico no preparo de uma atividade educativa é essencial no processo formativo, já que é mais prazerosa dando-lhe contribuições significativas (CARMO; CINTRA, 2018). Sobre esse assunto, essas autoras explicam que "o ato de brincar é acessível a qualquer ser humano, é uma

ação prazerosa, livre, exploratória e que contribui para a formação e construção do sujeito". Quando os pequeninos brincam, expressam sentimentos e exploram suas habilidades físicas e mentais, reproduz as relações existentes nas relações sociais do seu cotidiano.

O objetivo deste artigo é realizar uma revisão de literatura discutindo os sabores que se transformam em saberes ao se trabalhar com lúdico nos anos iniciais. As atividades lúdicas funcionam como ferramentas poderosíssimas na arte de ensinar e que pode facilmente ser utilizadas pelos profissionais pedagogos. Ao final do trabalho, queremos demonstrar através da revisão de literatura como a adoção de atividades de aprendizagem que envolvem brincadeiras ajudam na construção e progresso de diversas habilidades necessárias ao seu crescimento intelectual, cultural e social.

2. METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma breve revisão integrativa de literatura com o propósito de conhecer melhor as publicações cientificas que reúnem pesquisas, conhecimentos e discussões acerca da ludicidade enquanto ferramenta eficaz para a arte de ensinar. Para alcançar o objetivo foram levantadas informações oriundas de uma seleção de artigos nacionais, online, em texto completo, publicados em português. Para formar um banco de artigos (pesquisa bibliográfica), utilizou-se os bancos de dados Google Acadêmico e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO).

Os descritores (palavras-chave) utilizados que nortearam o levantamento do material de apoio a leitura foram: lúdico, professor pedagogo, prática pedagógica, ambiente de aprendizagem. Para cada artigo selecionado foi feito uma leitura analítica como meio de selecionar as informações contidas nas fontes de interesse para análise e avaliação da qualidade, relevância do conteúdo acerca do tema proposto. Na sequência foram feitas a interpretação, discussão, construção e apresentação escrita da revisão de literatura.

Ao optar pela revisão de literatura, considerou-se que, o levantamento de informações é uma forma de resumir a informação existente acerca de uma abordagem especifica. As informações aqui sistematizadas posteriormente reunidas na pesquisa evidenciarão o estado da arte da ludicidade na aprendizagem, sua relevância para a progressão da criança em aulas dinâmicas e participativas.

Ao contrário do pensamento de muitos pesquisadores, um levantamento bibliográfico é considerado uma das etapas essenciais da investigação científica por ser um trabalho que deve ser feito minuciosamente, que requer tempo, dedicação e atenção por parte de quem resolve fazê-la (PIZZANI *et al*, 2012). Além disso, o método (Revisão de Literatura) busca discutir as teorias que estão sendo construídas acerca do assunto pesquisado, quais procedimentos de pesquisa estão sendo empregados, assim como quais contribuições cientificas e sociais estão sendo produzidas (Carmo & Cintra, 2018).

Com o tema previamente definido, 'O lúdico na prática pedagógica', buscou-se demonstrar o 'sabor' expresso na aprendizagem, tanto para o professor, como para o aluno em ambientes de trabalho lúdico para crianças estudantes em anos iniciais e como essa metodologia vem contribuindo na satisfação de ambos. Essas contribuições vão ao encontro do aperfeiçoamento da prática pedagógica do professor, já que trabalhar os conteúdos programáticos para cada faixa etária na educação infantil especialmente vai muito além de aulas divertidas e atrativas.

3. PERCURSO TEÓRICO E DISCUSSÕES COM O FOCO NA LUDICIDADE NA PRÁTICA DOCENTE

3.1 LUDICIDADE: CONCEITOS

O lúdico é conceituado como sendo um elemento da cultura, presente em todas as formas de organização social, das mais primitivas às mais sofisticadas. Em processos de educação formal, compreende-se por lúdico toda e qualquer atividade escolar, ou movimento que visa a construção conhecimento partindo do prazer com sua execução (OLIVEIRA, 2009).

Nesse sentido, no espaço da escola, as atividades lúdicas são consideradas uma ferramenta pedagógica de baixo custo, acessível e que qualquer docente pode empregar utilizando técnicas metodológicas na aprendizagem (BERNARDO, 2018).

Outro conceito interessante é o proposto por Luckesi (2014). O autor defende que "uma educação lúdica reúne um conjunto de fatores capazes de mediar a construção do aprendizado em meio a uma relação entre o cognitivo e o afetivo, sendo que é o professor que dá o tom da aula, defendendo que a aprendizagem é fruto da vivência".

Além dos conceitos acima mencionados, na escola, as atividades permeadas pela ludicidade são recursos metodológicos os lúdico importantes. Além disso são eficientes para o desenvolvimento de diferentes habilidades e aprendizado na infância. Nesse sentido, empregar o lúdico como recurso é uma estratégia capaz de proporcionar interação das crianças, especialmente da educação infantil, agregando conhecimentos associados (OLIVEIRA, 2009).

A luz conceitual, considerando a influência dos recursos midiáticos desde muito cedo na vida das crianças, ressalta a ludicidade não pode fugir de seu conceito primordial, independentemente se o professor otimizar o uso de alguma mídia digital para interagir um conteúdo e alcançar seus objetivos. Este conceito primordial envolve movimentos, sons, cores, interação, comunicação, musicalidade, pinturas, entre outros aspectos que permite a criança interagir consigo mesma, com outras crianças, com adultos e com a sociedade.

Entretanto, na prática docente é possível que o profissional consiga também recriar conceitos próprios já que o contexto regional e social da criança e da escola pode ser diferente das orientações teóricas e metodológicas. Estar atento a necessidade de tornar o ensino atrativo, prazeroso e dinâmico é uma estratégia de baixo custo e ao alcance de todo professor.

3.2 A CONTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES LÚDICAS PARA O APRENDIZADO DAS CRIANÇAS

A orientação em promover a aprendizagem da criança com a aplicação de conteúdos infiltrados em atividades lúdicas está assegurada na Política Nacional de educação Infantil. Em suas diretrizes, a ludicidade é um componente do processo pedagógico, sendo necessário considerar a totalidade das crianças, suas diferenças, formas privilegiadas de conhecer o mundo (BRASIL, 2014).

Com as atividades aplicadas envolvendo o lúdico, o aluno pode aprender com mais suavidade, significado e prazer, já que experimenta ações concreta. Nesse sentido, durante as brincadeiras a criança manifesta sua intensidade e expõe sua satisfação em participar da atividade proposta pelo docente. Acerca dessa abordagem, considera-se importante que o docente permeie seu planejamento recheado brincadeiras para conduzir um aprendizado.

Para a aquisição de conhecimentos escolares, são consideradas atividades lúdicas os jogos infantis, atividades recreativas, competições, representações teatrais/artísticas, litúrgicas, entre outras que despertam o interesse para a participação/interação da criança (MACEDO, 2007). Para o autor, quando o conhecimento é permeado por essas atividades, o lúdico ocupa o lugar de uma atividade prazerosa e divertida, desarticulada das atividades pedagógicas, e que proporciona às crianças um espaço para expressarem o que estão sentindo e um espaço para as crianças interagirem com as outras crianças. Além disso, são nessas atividades que as crianças com seriedade já que naturalmente tem facilidade para brincar, jogar, dramatizar, contar e ouvir histórias expressam sua espontaneidade (OLIVEIRA, 2009). De acordo com a autora, a ludicidade permite que a criança vai 'tricotando' seu conhecimento por meio do cenário imaginário, da fantasia, da invenção num processo de construção e desconstrução próprio a sua idade.

Nesse contexto, as brincadeiras e os jogos escolares na infância podem ser feitos como 'coisas sérias' quando são bem planejadas pelo profissional pedagogo e aplicadas didaticamente como instrumento metodológico visando agregar conhecimento da criança, especialmente na alfabetização. O simbólico e o imaginário podem provocar impactos positivos nos processos cognitivos e afetivos das crianças. Além disso, Tristão (2010) ressalta que "é por meio das atividades lúdicas, a criança constrói seu próprio conhecimento, cria e recria, interage consigo e com os outros, compreende limites consigo mesma e com o mundo que a cerca.

A ludicidade desenvolvida durante as aulas dirigidas são os recursos pedagógicos, os mais discutidos na literatura. O propósito pedagógico dessas atividades permeia o ensinamento às crianças. Jogar ou brincar direcionando um conteúdo predeterminado é diferente do brincar livre. O lúdico em um jogo ou em uma brincadeira dirigido requer planejamento, execução e avaliação. O brincar livre por sua vez, requer apenas o monitoramento do professor com o foco na intervenção das situações de desentendimentos entre as crianças, tempo predeterminado, entre outros cuidados já que o aluno está em sua responsabilidade.

As atividades lúdicas mais comuns são as brincadeiras e os jogos. Além disso, são ferramentas consideradas atividades sociais específicas e fundamentais que garantem a atenção, participação e interação da criança (BERNARDO, 2018). A autora ainda ressalta que com essas atividades (jogos e brincadeiras), a criança comunica-se consigo mesma e com o mundo, aceita a existência dos outros, estabelece relações sociais, constrói conhecimentos, desenvolvendo-se integralmente. Sobre esse assunto, os benefícios proporcionados pelas brincadeiras são inúmeros já que reúne e expressam um conjunto de manifestações caracterizados pela espontaneidade, liberdade e autonomia das crianças. Esse conjunto resume a expressão de emoção e ao prazer em aprender.

3.3 O LÚDICO PRECISA SER MAIS ATRATIVO QUE OS RECURSOS TECNOLÓGICOS ATUAIS

A luz das brincadeiras dinâmicas e apesar dos smartphones, tablets e outras tantas ferramentas digitais serem essenciais para o aperfeiçoamento do raciocínio lógico das crianças, as atividades desencadeadas em forma de brincadeiras presenciais são essências a infância. Essa dinâmica (jogos e brincadeiras) é considerada atividade natural e universal e desmistificam a cultura da imobilização da criança em casa e na escola. Para Soares (2010), "essas atividades compreendem algo relacionado a alegria, divertimento, prazer para o que está envolvido na ação, além de ajudar no desenvolvimento físico, intelectual, emocional, social do sujeito".

Nessas atividades (jogos e brincadeiras), a estratégia pedagógica empregada possui elevado nível de riqueza já que acarreta troca de informação, cultura. Os jogos e brincadeiras evidenciam direitos, desenvolvem os valores em educação, entre outros benefícios e vantagens para a aprendizagem (MIRANDA; SANTOS; RODRIGUES, 2014; COTONHOTO; ROSSETTI; MISSAWA, 2019). Esses autores explicam que as brincadeiras e os jogos constituem recursos pedagógicos propícias ao desenvolvimento da criança e de suas potencialidades, além de estabelecer relações cognitivas centradas no afeto, respeito, solidariedade, companheirismo.

Nesse sentido, as atividades lúdicas, vêm ganhando cada vez mais espaço em ambientes de aprendizagem como os da educação infantil. Essas atividades funcionam como atrativos para a comunicação da criança consigo mesma, com outras, com o mundo interior e exterior. Com isso, os estímulos proporcionados ao profissional docente devem permear reflexões acerca das brincadeiras, entre outras atividades essenciais ao trabalho pedagógico, especialmente para as crianças que apresentem alguma manifestação de dificuldade de aprendizagem (COTONHOTO *et al* 2019).

Os benefícios das atividades desencadeadas por meio da ludicidade duram toda a vida e refletem um bem-estar psicossocial. Além de fazer bem para a alma (bem-estar emocional) são elementos essenciais para psicomotricidade. Entre os benefícios dessas atividades, os significados da interação/integração tornam-se imensuráveis na vida da criança já que fortalecem sua percepção acerca das coisas que estão ao seu redor e são sinônimos de felicidade (LIMA, 2019).

Outro detalhe que vale a pena frisar é quanto à coordenação do corpo. Em atividades dirigidas, a escola exerce um papel essencial na aplicação de jogos lúdicos para o estímulo da psicomotricidade da criança. Apesar dos jogos e brincadeiras terem maior conexão com a escola, em casa também, os pais podem trabalhá-los, proporcionado as crianças momentos de descontração e estimulando o seu desenvolvimento sócio afetivo.

3.4 O LÚDICO *VS* SOCIEDADE DIGITAL

Em um mundo recheado de culturas digitalizadas, reformular a dicotomia do trabalho tradicional e inserir o lazer como atividade educacional, incluindo o desafio para o status hierárquico dos estados mentais que acompanham a seriedade e a brincadeira são necessidades emergenciais (SKILBECK, 2017). Independentemente da função educadora da escola no processo de educação formal, quando a instituição combina diversão e seriedade, representa a atitude mental ideal de um docente artista, pois a prática de ensinar é reconhecida como uma arte. Além disso, privilegia a disciplina e a normalização das crianças já que o lúdico é um ingrediente educativo atrativo a atenção, participação e de interação.

Se ensinar é uma arte, as atividades escolares de construção do conhecimento precisam ser prazerosas, atrativas e o sentimento conectado a infância requer práticas pedagógicas dinâmicas. O docente é o principal mediador dessas práticas, pois cabe a ele a condução da atividade para alcançar os objetivos da aprendizagem, emergindo assim maior qualidade no processo educacional.

Diante da necessidade de se trabalhar a construção do conhecimento permeado por atividades lúdicas como sendo uma forma prazerosa de ensinar e aprender com e para a criança, discutir a preparação dos professores no desenvolvimento de métodos de aprendizagem de conteúdo dinâmico é fundamental. O processo de formação do professor deve permear e incluir o uso de técnicas simples, mas que são capazes de trazer a criança para a participação/construção ativa do saber. Neste sentido é importante a participação de outros profissionais da educação, como exemplo a coordenação da escola que atuará como suporte e motivação ao professor (GOMES, 2009).

Da mesma forma, para que as brincadeiras e jogos sejam dispositivos elementares na qualidade do processo de educacional, o envolvimento de outros profissionais é fundamental. Se há uma equipe manifestando apoio ao trabalhado do professor, a criança se sente mais segura, já que o ambiente da escola é propício as relações sociais, além de ser um mundo favorável às descobertas e redescobertas.

A comunicação expressa nas atividades lúdicas direcionadas ao aprendizado é a principal ferramenta para a efetivação para uma educação de qualidade. Sobre esse argumento, VYGOTSKY (2000) considera "que o conhecimento da criança se constrói a partir do relacionamento com outras pessoas, assim, a socialização se torna a mola propulsora e mais significativa quando permeada por atividades lúdicas.

Para que melhores resultados sejam alcançados, na prática, a ludicidade clama por profissionais atentos, interessados a abertos aos desafios que metodologia requer. O fazer pedagógico com o uso de métodos lúdicos exige profissionais criativos, dedicados e que acreditam em seu potencial para construir o conhecimento junto com a criança e o mundo que a cerca.

Se as atividades escolas dirigidas não permearem o lúdico, as crianças vão brincar de qualquer forma, na maior parte do seu tempo, estejam elas onde estiverem. Não é incomum observarmos adultos correndo atrás

delas e pedindo para que parem, calem, sentem, entre outras ordens desnecessárias a natureza infantil. Nem a imersão intencional dos pais ou professores para com a criança, a cultura da imobilização (objetivos dos recursos digitais como smart tv, smartfones) é capaz de mantê-las estagnadas nas situações de controle convenientes ao adulto. Imagina crianças paralisadas em uma sala de aula, onde os olhares entre si se convergem num mundo próprio delas. Basta umas delas se mexer que a atenção das demais pedem o foco da atividade formal.

Acerca da cultura de imobilização, Navarro e Prodócimo (2012) afirmam que "é necessário compreender a importância do brincar com as crianças, especialmente no processo de educação infantil". Essas autoras explicam que essa necessidade de brincar surge num momento em que o universo infantil vem sofrendo alterações com o encurtamento da duração da infância devido a precocidade da adolescência. Nesse sentido, as brincadeiras que envolvem a psicomotricidade da criança também estão sendo modificadas em função do acesso às mídias digitais. Essas modificações são observadas nos significados atribuídos pela sociedade moderna que cobra dos pequenos o andar devagar, falar baixo, permanecer sentados, não fazer bagunça, entre outras ordens emitidas por adultos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos digitais, a prática docente convencional é um enorme desafio para conectar a atenção do aluno as atividades propostas que objetivam o desenvolvimento da aprendizagem em sala de aula. Isso por que, prender a atenção de crianças sem perder o foco da aprendizagem nos dias atuais é realmente desafiador. De fato, atualmente os alunos, assim como os profissionais da educação estão rodeados de recursos tecnológicos (smartfones, tabletes, smart tv), entre outros recursos ao seu alcance.

Inovar a prática pedagógica em tempos digitais é uma necessidade, especialmente nesse momento em que vivemos uma 'crise' na educação provocada em função da Covid 19. Envolver a turminha em atividades

lúdicas, mesmo em aulas remotas é um recurso considerado positivo para o docente e para a criança. Sabemos que aulas monótonas não funcionam já que de acesso fácil aos meios digitais, disponíveis inclusive às crianças podem ser mais atrativos.

Nesse sentido, cabe ao docente, juntamente com a coordenação da escola, a responsabilidade e o compromisso de buscar estratégias e recursos para a execução de uma proposta pedagógica capaz de proporcionar o máximo possível os aspectos de desenvolvimento cognitivo da criança com interação, participação e realização das atividades. Brincar, falar, andar, correr, jogar, movimentar em todos os sentidos inclui diversos benefícios à criança e na escola não deve ser diferente.

Através dos jogos e brincadeiras, o docente pode obter melhores resultados no processo de aprendizagem do aluno. É através dessa dinâmica (jogos e brincadeiras) que a criança passa a respeitar limites, interagir com seu mundo interior e exterior. A ludicidade estimula sua curiosidade, desenvolve o pensamento, ajusta a linguagem, exercita a concentração, descobre regras, entre outras contribuições.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, Heloise Correa. **A importância da ludicidade na prática pedagógica dos professores da unidade municipal de educação Infantil Kimie Ohaze no município de Santarém Novo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) Faculdade de Educação, do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2018. Disponível em: https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/bitstream/prefix/2486/1/TCC_ImportanciaLudicidadePratica.pdf. Acesso em: 03 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica. **Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças**

de zero a seis anos à Educação, 2014. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pol_inf_eduinf.pdf. Acesso em: 09 de jul. 2021.

CARMO, Carliani Portela do; CINTRA, Rosana Carla Gonçalves. **O Lúdico na prática pedagógica do professor envolvendo o desenvolvimento e aprendizagem das crianças: um estado da arte**. Revista Observatório, Palmas, v. 4, n. 6, p. 636-667, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n6p636. Acesso em: 03 jul. 2021.

COTONHOTO, Larissy Alves; ROSSETTI, Claudia Broetto; MISSAWA, Daniela Dadalto Ambrozine. **A importância do jogo e da brincadeira na prática pedagógica**. Construção em Psicopedagia, São Paulo, v. 27, n. 28, p. 37-47, 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141569542019000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 jul. 2021.

GOMES, Katila Fernanda. **O lúdico na escola: atividades lúdicas no cotidiano das escolas do ensino fundamental I no município de Araras – SP**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) da Universidade Estadual Paulista UNESP, Rio Claro [s.n.], 2009. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/119288/gomes_kf_tcc_rcla.pdf?sequence=1. Acesso em: 29 jun. 2021.

LIMA, Alidiane Barbosa de. **O lúdico na educação infantil: jogos, brinquedos e brincadeiras no cotidiano escolar.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plenas em Pedagogia) Universidade Federal da
Paraíba, 2019. Disponível em:

https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/15147/1/ABL0307 2019.pdf__Acesso em: 04 de jul. 2021.

LUCKESI, Cipriano. **Ludicidade e formação do educador**. Revista Entreideias, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13 – 23, 2014. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/9168. Acesso em: 11 jul. 2021.

MACEDO, Lino de. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar** [Recurso Eletrônico] Lino de Macedo, Ana Lucia Sícoli Petty Norimar Christe Passos – Dados Eletrônicos – Porto Alegre, Editora Artmed, 2005.

MIRANDA, Daiana Barth de; SANTOS, Patrícia Gonçalves dos, RODRIGUES Samira de Souza. **A importância dos jogos e brincadeiras para a educação infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) Faculdade Multivix-Serra, 2014. Disponível em: https://multivix.edu.br/wpcontent/uploads/2018/06/a-importancia-dos-jogos-e-brincadeiras-para-a-educacao-infantil.pdf. Acesso em: 04 jul. 2021.

NAVARRO, Mariana Stoeterau; PRODÓCIMO, Eliane. **Brincar e mediação na escola**. Revista Brasileira de Ciência do Esporte, 34, n. 3, 2012. https://doi.org/10.1590/S0101-32892012000300008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbce/a/sgWpzDM6pfhnFzhRDqjQvgJ/?lang=pt. Acesso em: 13 jul. 2021.

OLIVEIRA, Maria Lúcia de, (**Im)pertinências da educação: o trabalho educativo em pesquisa** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 193 p. ISBN 978-85-7983-022-8. Disponível em: Scielo Books http://books.scielo.org. Acesso em: 04 jul. 2021.

PIZZANI, Luciana; SILVA, Rosemary Cristina da; FARIA, Suzelei *et al*. **A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento.** Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v.10, n.1, p.53-66. ISSN 1678-765X, 2012. Disponível em: DOI: 10.20396/rdbci.v10i1.1896. Acesso em: 01 jul. 2021.

SANTOS, Cristiane Cimelle da Silva; COSTA, Lucinalva Ferreira da, MARTINS Edson. **A prática educativa lúdica: uma ferramenta facilitadora na aprendizagem na educação infantil.** Ensaios Pedagógicos, Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET, ISSN 2175-1773. Disponível em: https://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n10/ARTIGO6.pdf. Acesso em: 11 jul. 2021.

SKILBECK, Adrian. **Dewey sobre seriedade, ludicidade e o papel do professor**.
Ciências da Educação, v. 7, n. 16, 2016. Disponível em: DOI: 10.3390 / educsci7010016. Acesso em: 12 jul. 2021.

TRISTÃO, Marly Bernardino. **O lúdico na prática docente**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) Faculdade de Educação – FACED/UFRGS, 2010. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39549/000825104.pdf.

SOARES, Edna Machado. **A ludicidade no processo de inclusão de alunos especiais no ambiente educacional**. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, 2010. Disponível em: http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/EMS.2.2010.pdf.
Acesso em: 25 de mar. 2016.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. L. S. Vygotsky/tradução Paulo Bezerra. - São Paulo: Martins Fontes, 2000 - (Psicologia e pedagogia), 521p.

A ADOLESCÊNCIA E O CUIDADO DOS PAIS – UM CAMINHO PARALELO ATÉ A MAIORIDADE

SILVA, Rosenei dos Santos[3]

RESUMO

Com base em experiências vividas e por meio de leituras realizadas, abordamos nesse trabalho sete pontos salutares para que a passagem pela adolescência venha a ser tranquila e segura. São eles: as fases da adolescência, o tempo, as amizades, a sexualidade e a gravidez, os estudos, o trabalho e as finanças.

O presente artigo tem como objetivo apresentar esses pontos nevrálgicos da vida do adolescente e como os pais poderão auxiliá-lo de forma prazerosa, sem tensão ou estresse.

Os assuntos elencados bem como todas as orientações descritas para o relacionamento pai x adolescente são baseados em uma pesquisa qualitativa a partir de análises bibliográficas. Pesquisa essa, fundamentada nos estudos de pedagogos, filósofos, psicólogos e psiquiatras bem como a partir de atendimentos a pais e alunos realizados em escolas.

Palavras-chave: Pais. Filhos. Adolescência. Cuidado.

1. INTRODUÇÃO

Foram vinte e cinco anos de trabalho com adolescentes. Ocupando as funções de professora, coordenadora pedagógica, orientadora educacional e diretora escolar, ouvia constantemente os desabafos de pais angustiados e adolescentes desanimados e rebeldes com a família, com os estudos e com a própria vida.

A tendência dos pais é cuidar muito bem do filho recém-nascido. O cuidado com seu bem-estar envolve deste os preparativos para a maternidade para recebê-lo até a aprendizagem para entendê-lo antes do desenvolvimento da fala. Previsão, adivinhação, idas ao pediatra, tudo é válido para que ele possa crescer de forma saudável. Estão sempre próximos a ele, vigiando e o protegendo com muita atenção, durante às 24 horas do dia.

Na adolescência, com o crescimento biológico, a “independência” faz com que muitos pais se afastem fisicamente e também emocionalmente dos filhos, às vezes de forma imperceptível.

[3] Formada em Pedagogia Plena, pela Universidade Estadual Paulista - UNESP. Pós-graduada em Gestão Escolar e Psicopedagogia Clínica e Institucional. Palestrante, realiza trabalhos de consultoria com pais e profissionais da área de educação.

Porém, nesta fase, o filho adolescente também necessita de cuidados, não os mesmos para com o pequeno infante, são necessidades de cuidados diferentes, cuidados emocionais que o oriente no caminho até a idade adulta livre de desgastes indesejáveis para ele e seus pais.

De acordo com Cortella (2017, p.102), os pais de adolescentes precisam dedicar mais cuidados e atenção a seus filhos nessa fase. Um cuidado mais aprofundado como o dedicado a uma mulher grávida.

Esses pontos, ou seja, esses cuidados serão especificamente abordados a seguir.

2. A ADOLESCÊNCIA E A FASE DAS TRANSFORMAÇÕES

A adolescência é a fase das transformações, dos “porquês”, das descobertas, das escolhas, das construções, do sorriso, mas também pode ser a fase da revolta, das agressões, da apatia, da inconsequência, da desatenção, do descuido e afins.

Ter um filho adolescente equilibrado social, moral e emocionalmente acredita-se ser o desejo de todos os pais, porém uma coisa é certa, será a fase das inconstâncias.

Sendo assim, a primeira necessidade por parte dos pais é conhecer e entender quais são essas mudanças.

2.1. 1º CUIDADO: CONHECER E COMPREENDER AS FASES DA ADOLESCÊNCIA

Além de saber quais são suas preferências e nitidamente ver a cada dia seu desenvolvimento físico, é importante aprender quais são também as mudanças biológicas internas.

Segundo Tiba (2005), essas alterações se dividem em:

Onipotência pubertária – Meninas com 10 anos e os meninos com 13 anos. Nesta etapa as meninas querem fazer parte de um grupo, querem amigas. Já os meninos querem as garotas, visto os hormônios estarem a “flor da pele”.

Estirão – Meninas com 11-12 anos e os meninos com 12 ou 13 anos. As meninas crescem os seios, as nádegas e os quadris e os meninos crescem o fêmur, a tíbia e o perônio.

O autor ainda comenta que com a idade, as mudanças biológicas evoluem e estabilizam, porém, dependendo da forma com que os pais conduzem a vida do adolescente gerenciando os conflitos, as alterações psicossociais não passarão e

ele muitas vezes será um adulto de 22 anos buscando referências nos amigos como se ainda tivesse 14 anos.

Cortella (2017, pág. 9) alerta que:

> Muita gente entrega os pontos, desiste de fazer o esforço com inteligência que é necessário para formar alguém. Isto é, há necessidade de nós, adultos, nos estruturarmos quase como uma força-tarefa para não perder essa nova geração, que é exuberante em vários aspectos, capaz de ações maravilhosas, mas também capaz de produzir horrores, enfraquecimentos éticos e distorções na convivência.

Que geração é essa? [3]

Geração Baby boomers	Geração "X"	Geração "Y" Millenials	Geração "Z"	Geração "α" (Alpha)
Entre 1946 e 1964	Entre 1965 e 1979	Entre 1980 e 1996	Entre 1997 a 2010	De 2010 aos dias atuais

Atualmente, os filhos que trazem tal desespero ao coração dos pais são frutos de duas gerações, a "Z" e a "α". Quando estávamos ativamente envolvidos com educação, percebíamos que essas gerações são aquelas que querem tudo para agora e não sabem esperar, são consumistas, imediatistas, críticos, exigentes e sabem de seus "direitos". Não gostam de refletir e amam argumentar. Uma das razões é porque acreditam que a visão dos pais está ultrapassada. Não suportam incoerência. Se o pai ou a mãe prometem, precisa cumprir custe e o custar. Não gostam de conversar com os pais e de falar o que sentem, não conhecem o mundo sem internet e não diferenciam a vida on-line da off-line. Certo e errado é relativo, ou seja, se o menino furtou um litro de leite no supermercado porque seu irmão menor estava com fome, tudo bem.

Devido à influência tecnológica, são adolescentes inteligentes. Muitos já acumularam mais conhecimento do que muitos adultos, porém, não são sábios por não terem noção da aplicabilidade desse conhecimento.

Além disso, também devido à influência tecnológica, o maior desafio dessas gerações são os relacionamentos. Os "olhos nos olhos" para essas gerações, como

forma de comunicação é inexistente e muitos pais os abandona ou o relacionamento se torna horizontalmente idêntico.

> [...] o dado mais preocupante é a incapacidade que parte desta geração demonstra no enfrentamento de questões relacionadas às novas gerações. Querendo ser muito amigos dos filhos, pai e mães promovem um clima de camaradagem excessiva que beira a complacência e pode ser perigosa, na medida em que rompe alguns laços de autoridade. Observa-se uma dificuldade em se chegar a uma situação de equilíbrio, em que haja uma vida harmônica, mas disciplinada. Uma vida com liberdade de convivência, mas que não abra mão da ética do esforço. Que não seja opressiva, tampouco desordenada (CORTELLA, 2017, p.14).

Sendo assim, ressaltamos novamente, os pais devem conhecer o adolescente do qual é responsável, conhecer o porquê de seu comportamento, entender as mudanças biológicas, as psicossociais e o tempo em que ele vive. A história dele será bem mais saudável e com certeza a dos pais também.

2.2. 2º CUIDADO: DEDICAR TEMPO PARA ELE

Consideremos que, na saúde do relacionamento entre os pais e o adolescente é necessário quantidade e qualidade de tempo.

Como citado anteriormente, os adultos responsáveis pelo adolescente se atentam a prover moradia, medicamentos, vestuário e são muitas vezes negligentes com outros assuntos importantes dos quais eles ainda necessitam de auxílio.

O adolescente ainda precisa aprender, ser instruído. Além de ter consciência disso, de entender principalmente a fase que sua vida, o segundo passo é organizar uma rotina para que ambos tenham tempo. Tempo para que? Tempo para o diálogo, tempo para falar, mas principalmente para ouvi-lo.

Para que sua linguagem emocional flua, a confiança deve ser construída. Nesta fase da vida, ele não ouvirá, não respeitará e não se abrirá caso o adulto demonstre sempre um comportamento de urgência, ou seja, passa a impressão de que está sempre ocupado de que não está a sua disposição e de que ele atrapalha.

É fundamental a organização do tempo, a elaboração de uma rotina por parte dos pais.

Bento (2015) orienta:

> 1. Começar por inserir na agenda, como compromisso mesmo, pelo menos uma vez por semana, algumas horas para se dedicar totalmente ao filho.

2. Usar o tempo que têm dentro do carro, seja esse tempo curto ou longo, para conversar com eles.
3. Planejar para que tenham ao menos uma refeição junto, como família, a cada dia. Se não for possível diariamente, ao menos 2 vezes por semana.
4. Pensar em atividades que possam fazer juntos, em família. Atividades ou jogos que não podem ser executados individualmente.

A quantidade necessária de tempo, dependerá das necessidades de cada pai/filho.

2.3 3º CUIDADO: SABER QUEM SÃO AS AMIZADES

O adolescente chegou ao colégio com 14 anos. Durante as aulas, quando não estava dormindo, era agressivo com os professores e com os amigos da turma. Consequentemente suas notas eram baixas e corria o risco de perder o ano. Os gestores decidiram averiguar o que estava acontecendo e o viram próximo a um beco aos arredores da escola, usando drogas.

Os pais foram indagados como isso veio acontecer. Responderam que foram os amigos, que o filho passava horas e horas na internet e que eles perderam o controle da situação.

O adolescente não se adaptou à escola e seus pais pediram sua transferência naquele mesmo ano. Após algum tempo, recebemos a notícia de seu suicídio.

O adolescente receberá influências externas positivas e negativas em sua vida. Ele não é uma ilha e não estará pronto e acabado somente, através e jamais por meio dos conselhos e orientações recebidas na família.

Hoje, os amigos necessários e mais importantes, para grande parte dos adolescentes, são os amigos virtuais. Tiba (2015) comenta que os adolescentes estão protegidos no quarto, mas vulneráveis para o mundo. É absolutamente necessário que pais e mães acompanhem com muita atenção os conteúdos a que os jovens estão expostos. Não se trata de uma censura, mas de uma supervisão.

É indispensável controlar o uso das redes sociais, principalmente no início da adolescência. Com a ausência da maturidade neurológica e experiência de vida, o adolescente não poderá discernir entre as influências positivas e negativas.

De acordo com a psicóloga Kátia Oliveira (2015, p.25), os riscos do excesso do uso da internet estão além da perda de tempo. Esses riscos influenciam outros aspectos,

tanto físico quanto psicológico e social. Como por exemplo o comprometimento da vida acadêmica.

Como supracitado, o psicossocial do adolescente está em desenvolvimento, mas ele acredita que está grande o suficiente para saber o que é melhor para si. Não se contenta com aquilo que os pais lhe oferecem como sendo o suficiente e busca pelos seus próprios meios algo que satisfaça suas emoções. Os amigos que geralmente tem a mesma idade que ele, mas que talvez pertençam a uma outra realidade de vida, mostram um mundo encantador e cativante e o adolescente inocentemente é influenciado. Muitas vezes permite ser influenciado para que seja aceito pelo grupo.

O adolescente que é vítima de bullyng muitas vezes sofre calado, talvez por não ter desenvolvido um canal de diálogo com os pais, não consegue se expressar e comunicar o que tem enfrentado. Os pais, em sua maioria, como dito anteriormente, não tem tempo disponível para ouvi-lo e o adolescente se fecha em seu mundo, sofrendo silenciosamente.

Para Oliveira (2012, p. 41), os pais podem identificar certos sinais para saber se o filho é vítima de humilhação ou intimidação na escola. Sinais como:

- Relata sintomas físicos tais como: vômitos, dor de cabeça, dor de estômago, sudorese, etc;
- Passa a ter insônia e pesadelos com alta frequência;
- Perde o apetite;
- Tornar-se isolado e cada vez mais introvertido;

A autora reforça também que os pais devem ficar atentos, se o filho nunca menciona amigos, não recebe telefonemas e convites para festas, pois isso pode evidenciar que ele está sendo excluído do grupo.

O cuidado com as amizades deve ser visto com atenção por parte dos pais. As amizades podem alavancar o adolescente em seu crescimento emocional e social como também pode derrotá-lo, levando-o para caminhos sem volta.

2.4. 4º CUIDADO: ORIENTAR QUANTO À SEXUALIDADE E A GRAVIDEZ PRECOCE

O desempenho acadêmico daquela aluna de 13 anos não era mais o mesmo nos últimos dois meses. A escola convocou aos pais que tomaram ciência do caso e foram alertados em dois pontos:

1º. Possivelmente a causa do baixo rendimento fosse namoro. Os pais alegaram que seria impossível, pois sua filha não passava de uma criança;

2º. Os pais deveriam estar mais próximos a filha, pois seu desempenho acadêmico comprometeria seu ano letivo. Eles disseram que aconselhariam a filha.

Ainda alegaram que trabalhavam o dia todo para custearem os estudos da filha, que confiavam nela, pois tinham dado uma boa educação na infância.

Alguns meses depois desta conversa, a adolescente engravida e abandona os estudos.

Segundo a GOVE – Plataforma para gestão de municípios "a taxa de **gravidez na adolescência** brasileira, apesar da significativa redução ao longo dos anos, encontra-se acima da taxa mundial e até mesmo da taxa latino-americana. Em 2018 nasceram 432.460 bebês de mães adolescentes." [4]

Com os hormônios alterados e a falta de maturidade, eles se envolvem em situações arriscadas com seus "crushs" e muitas adolescentes colhem o resultado dessa atitude sendo mãe precocemente, sem preparo deixam para trás os sonhos de uma vida melhor planejada.

Conforme destaca, Tiba (2005, p. 95) "É importante conhecer como os hormônios agem no nosso comportamento para termos mais controle e usufruto da vida afetiva e sexual." O conhecimento dessas diferenças hormonais na adolescência, farão com que o casal de "crushs" tenha menos dúvidas e menos problemas a enfrentar. Citamos a seguir algumas diferenças:

Condições físicas - o corpo da menina está pronto para gerar um filho?

Condições psicológicas - se as lágrimas vierem e bater o arrependimento, como a criança virá ao mundo sabendo que foi indesejado?

Condições sociais - estão preparados para "abandonar" os amigos, o lazer e até os estudos?

Condições financeiras – irão formar uma família, terão recursos? Como manterão a nova vida?

“[...] A gravidez precoce é um sucesso biológico e um fracasso psicológico e social’’ (Tiba, 2005, p. 76).

Geralmente a moça acredita que a investida do rapaz é amor, não sabendo ela que muitas vezes é puro desejo sexual. Os pais de meninas devem abrir os olhos das filhas quanto a esse aspecto. Orienta-la para que a gravidez seja evitada. A menina terá muitas responsabilidades das quais não tem preparo, além disso, poderá deixar para trás ou retardar os sonhos dos estudos, de uma carreira ou até mesmo de um relacionamento estável.

Os pais poderão alertá-los também quanto ao uso de métodos contraceptivos, principalmente o uso do preservativo. Além da proteção quanto a gravidez, protege quanto as doenças sexualmente transmissíveis, como o HIV.

Será que o melhor da adolescência é o sexo? Os pais além da orientação sexual segura, poderão sempre trazer à tona quais serão os objetivos futuros dos filhos, os caminhos que seguirão. Como alerta Canfield e Kirberger (2007, p. 76)

> Os caminhos que você escolher hoje poderão moldá-lo para sempre. É evidente, e ao mesmo tempo assustador, que precisemos tomar tantas decisões vitais quando somos tão jovens e cheios de hormônios, mas a vida é assim mesmo. Imagine uma corda de 8 metros estendida a sua frente. Cada 10 centímetros representam um ano de sua vida. A adolescência tem apenas sete anos, um pequeno pedaço da corda, mas esses sete afetam os outros 61 que vêm depois, para o bem ou para o mal, e de maneira poderosa.

Que um desses caminhos possa ser a dedicação aos estudos.

2.5 5º CUIDADO: INCENTIVAR E ACOMPANHAR OS ESTUDOS

Os dados do monitoramento Todos pela Educação (vinculado ao IBGE, 2018)[5] aponta que 4 em cada 10 jovens de 19 anos não concluíram o ensino médio e que entre eles, 62% já estão fora da escola e 55% pararam de estudar ainda no ensino fundamental.

As causas da evasão escolar são inúmeras e muitas vezes aos olhos da família até justificáveis, porém, o adolescente não possui maturidade suficiente para tomar decisões assertivas e escolher abandonar os estudos por conta própria, somente porque não quer ter compromissos e responsabilidades, essa decisão não pode ser vista como um livre-arbítrio. “Estudo não se negocia, ele é importante não só para a capacidade e a formação pessoal, mas também para o benefício e qualidade de vida da família e da sociedade” (TIBA, 2005, p. 199).

Ter uma formação acadêmica é sinônimo de chance de ingresso no mercado de trabalho e consequentemente de independência e equilíbrio financeiro.

No período em que trabalhamos ativamente com os adolescentes nas escolas, muitos deles eram “abandonados” por seus responsáveis, podemos dizer: havia uma certa evasão escolar com o aluno dentro da escola, era somente um número, um corpo.

Os adolescentes vindos de famílias com tal atitude, geralmente apresentavam notas baixas e indisciplina em sala de aula. Esses casos, dentre outros, muitas vezes ficavam sem resolução visto a impossibilidade do agendamento de uma conversa com seu responsável.

Além do problema não ser resolvido em parceria, percebíamos que o estudante não produzia, ou seja, não dava o melhor de si, não por falta de capacidade, dificuldades de aprendizagem ou algum transtorno, mas sim por seu emocional estar abalado devido à ausência de seus pais.

Deixamos a seguir alguns passos que poderão auxiliar no acompanhamento diário dos estudos, bem como na formação dos hábitos e reponsabilidades:

1. Estipule uma rotina de estudos diário em casa. Independente se haverá semanas de provas ou não;
2. Conscientize-o de que horário de estudo é para estudar, que ele deverá se desligar dos eletrônicos nesse momento;
3. Nessa rotina, coloque especificamente o horário em que ele deverá organizar todo o seu material escolar para o dia seguinte;
4. Acompanhe a execução dos trabalhos, não permitindo que deixe tudo para a última hora;
5. Incentive-o a dormir cedo. Aluno que dorme pouco, aprende pouco;
6. Dialogue sempre sobre o respeito com o professor e o cuidado com as influências dos amigos;
7. Supervisione sempre seu material, o que tem produzido em sala de aula;
8. Motive, valorize, elogie e diga sempre: você é capaz, estou junto com você;
9. Sente com ele pelo menos uma vez por mês para sonharem juntos com seu futuro, com sua profissão.

2.6 6º CUIDADO: ORIENTAR QUANTO A ESCOLHA DA PROFISSÃO E O MERCADO DE TRABALHO

O Ensino Médio prepara o aluno para vestibulares e ENEM. E para que prestar vestibular e ENEM? Para entrar na faculdade. E para que cursar uma faculdade? Para ter sua profissão, seu trabalho, seu dinheiro...

Parece óbvio as afirmações e interrogativas citadas, parece, mas para um adolescente não é. Por seguidos anos, inúmeras turmas de concluintes de Ensino Médio, a grande parte dos alunos não sabiam qual carreira seguir. Se fariam faculdade ou seguiriam carreira técnica. Isso porque estamos falando de escolas que tinham em seu currículo, desde o 1º Ano do ensino médio projetos de orientação vocacional e profissional.

Qual seria a causa ou as causas da indecisão desses alunos? Para Timm (2005, p.13) “Os estudantes caracterizados como estando indecisos quanto à escolha profissional são aqueles geralmente reconhecidos como ainda não tendo atingido o grau de maturidade vocacional necessário para fazer tal escolha.”

Segundo Vidotto (2014), a miopia na escolha da carreira profissional também se deve a: muitas opções de carreiras, sendo que muitas delas surgem e desaparecem rapidamente; ausência de oportunidade de experimentar um trabalho ainda no ensino médio; pensar que pode transformar seu hobby em profissão; acreditar que o trabalho é um castigo “Desconfio que boa parte da ansiedade dos jovens em relação à carreira e a sua escolha esteja associada, inconscientemente, a essa percepção vendida aos quatro ventos da terra, de trabalho como punição: “Acabou a vida. Daqui para frente tudo é castigo!” (p.13).”; acreditar que possui muitas aptidões, muitas capacidades ou também pensar que é limitado e incapaz; não ter condições financeira.

Para Tiba (2005), uma das causas da indecisão do adolescente em qual carreira seguir é o caminho que os pais traçaram até esse momento. Uma vida cheia de facilidades e vontades atendidas. Sem muito compromisso com os estudos e muito menos com suas obrigações domésticas, grande parte se tornaram pessoas dependentes, apáticas, mimadas, irresponsáveis e exigentes ao mesmo tempo. Os pais sempre compromissados em atendê-los não perceberam que não estavam ajudando e sim estragando a autonomia dos filhos.

Assim, após constatarmos o emaranhado de fatores que causam a indecisão na escolha da carreira profissional pelo adolescente, percebe-se que o papel dos pais nessa questão, também é imprescindível. “A fim de preparar seus filhos adolescentes para o futuro neste mundo insensato, você deve ensiná-los a pensar claramente, porque tantas decisões e atitudes são produto de impulsos irracionais e momentâneos, sem uma base lógica e estudada. (CAMPBELL, 1994, p.81)

Para que haja maior segurança na escolha da profissão, Andrade (2020) [6] indica sete passos para auxiliar o filho adolescente na escolha da carreira:

1. Incentivar conversas com professores, realizar leitura e visitar sites específicos de orientação profissional;
2. Estimular a conhecer a carreira na prática, o dia a dia da profissão;
3. Conscientizar de que ganhar bem não é sinônimo de realização, é preciso se identificar com a profissão;
4. Pesquisar juntamente com o filho o tempo de duração do curso;
5. Conhecer a faculdade, visitar o local antes de efetuar a matrícula;
6. Saber quais são as possibilidades que aquela profissão oferece. Por exemplo: quem faz pedagogia pode ser professor, coordenador, orientador, gestor...
7. Buscar ajuda de um orientador vocacional e realizar testes.

Reforçamos que além de decidir qual a carreira seguir é importante dialogar com o filho sobre o mercado de trabalho. Para Vidotto (2014, p.30), “em 1990, uma pessoa passava em média 14 anos numa empresa ou função. Em 2000, esse número caiu para 5 anos e em 2012, para 1,5.”

Para Tiba (2005) a vida profissional é bem diferente da estudantil. Na escola, o aluno podia deixar de cumprir os seus deveres. Sempre havia um jeito. No trabalho, dificilmente o chefe perdoará o erro três vezes e muitas vezes ele nem que saber o porquê o erro do iniciante.

Em grande parte das universidades brasileiras não consta no currículo o trabalho com o desenvolvimento das competências. Orientamos aos pais que tais aspectos poderão ser observados na resolução de problemas do dia a dia e como pais educadores, poderão instruir e orientar o comportamento do filho para que no futuro possa se desenvolver e permanecer no mercado de trabalho sem frustrações indesejadas.

2.7 7º CUIDADO. ORIENTAR QUANTO AO USO DO DINHEIRO

Antes do filho adentrar ao mercado de trabalho é essencial ter noção de finanças.

"Sete em cada dez brasileiros estão endividados, revela Confederação Nacional do Comércio. O número é recorde" (Congresso Em Foco Em 14 abr, 2020).[7]

Para Garcia (2001, p.24), "vivemos na sociedade do consumo o tempo todo há algo novo surgindo para que possamos consumir; os produtos, bens e serviços que aparecem, também desaparecem muito rápido e há muita facilidade para se comprar".

Segundo o autor, a consciência do comprar ou não comprar é formada quando se realiza a seguinte análise "Há dinheiro disponível (sabe-se quanto se tem); é prioridade (onde é mais importante e necessário gastar); Saber diferenciar o que é necessário do que é desejado".

O adolescente saberá discernir o quanto se pode gastar tendo um valor estipulado pelos pais mensalmente.

O adolescente poderá questionar: "Mas, por que não pode comprar tudo o que quero agora, por que tenho que guardar?" É relevante um discurso sobre a vida futura, o que ele irá precisar quando entrar na faculdade ou até mesmo quando um amigo fizer aniversário. O adolescente deve pensar além do momento, deve ser levado a sonhar, a almejar construir sua própria vida, ser independente com segurança, inclusive financeira. Os pais devem certifica-se de que os filhos entenderam isso também.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os anos da adolescência são de suma importância para a tomada de decisões. Um erro durante estes anos, poderão ter consequências avassaladoras na vida do indivíduo e da família.

O acompanhamento, a orientação, o apoio e ao mesmo tempo o ensino saudável (sem pressão) da autonomia e da independência pelos pais deve ser sempre prioridade.

Pais consciente são pais presentes, que suprem não somente as necessidades materiais do filho, mas principalmente cuidam das necessidades afetivas.

Elencamos neste trabalho sete delas, porém, consideremos também que para ser um cidadão de bem, para fazer a diferença no mundo, é preciso ser ético. A atenção com os valores morais que estão sendo desenvolvidos no caráter do filho deve também fazer parte dos cuidados dos pais. Seria nulo passar pelas etapas da adolescência de forma tranquila e quando adulto, ser intolerante, não respeitando as pessoas. Os pais terem dedicado tempo na adolescência e quando adulto não voltar se quer para visitá-los na velhice. Saber escolher bons amigos, porém excluir aos necessitados. Se dedicar aos estudos, entrar em uma boa faculdade, mas não ser agradecido. Não ter sido mãe ou pai na adolescência, mas quando for um pai adulto ser negligente com seu próprio filho. Ter um excelente trabalho e equilíbrio financeiro, mas sonegar impostos.

Todos os cuidados são um conjunto e esse conjunto está interligado com a moral, com a ética, não somente na adolescência, mas para sempre. Como cita Cortella (2017) “Afinal quem ama não descuida.”

REFERÊNCIAS

BENTO, Roberta; BENTO, Taís. **Socorro, meu filho não estuda!**: dicas que vão mudar para sempre a relação do seu filho com os estudos. 1. ed. São José dos Campos - SP: BrainBento, 2015. p. 5-104.

CAMPBELL, Ross. **Como realmente amar seu filho adolescente**. 5. ed. São Paulo - SP: Mundo Cristão, 1994. p. 8-107.

CANFIELD, Jack; KIRBERGER, Kimberly. **Os 7 hábitos dos adolescentes altamente eficazes**: uma verdadeira dádiva para o espírito adolescente. 13. ed. Rio de Janeiro - RJ: Best Seller, 2007. p. 4-266.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Família: Urgências e Turbulências**. 1. ed. São Paulo - SP: Cortez, 2017. p. 5-141.

GARCIA, Edson Gabriel. **No mundo do consumo**: A administração das necessidades e dos desejos. 1. ed. São Paulo - SP: FTD, 2001. p. 5-47.

OLIVEIRA, Kátia. **Bullying**: Guia prático para pais e educadores. 1. ed. São Paulo - SP: PoloPrinter, 2012. p. 11-150.

OLIVEIRA, Kátia. **Hiperconectados**. 1. ed. São Paulo - SP: PoloPrinter, 2015. p. 12-168.

TIBA, Içami. **Adolescentes: Quem ama, educa!** 1. ed. São Paulo - SP: Integrare, 2005. p. 13-301.

TIMM, Marly Lopes. **Educação para a escolha profissional**: A função da escola de Educação Básica. 1. ed. Engenheiro Coelho - SP: Unaspress, 2005. p. 2-184.

VIDOTTO, Sandro. **Miopias na escolha da carreira profissional**. 1. ed. Itú - SP: ideia Viva, 2014. p. 7-64.

[3]O que é a geração alfa, a 1ª a ser 100% digital. G1 [Internet]. 2019 29 mai. [acesso em 20 mar.2020] Disponível em https://g1.globo.com/google/amp/economia/tecnologia/noticia/2019/05/29/o-que-e-a-geracao-alfa-a-1a-a-ser-100-digital.ghtml

[4]https://www.gove.digital/outras-tematicas/gravidez-na-adolescencia-no-brasil/

[5]https://g1.globo.com/educacao/noticia/2018/12/18/quase-4-em-cada-10-jovens-de-19-anos-nao-concluiram-o-ensino-medio-aponta-levantamento.ghtml

[6]https://claudia.abril.com.br/sua-vida/como-ajudar-seu-filho-a-escolher-uma-carreira/

[7]https://congressoemfoco.uol.com.br/economia/sete-em-cada-dez-brasileiros-estao-endividados-revela-cnc-o-numero-e-recorde/

A DISPRAXIA COMO TRANSTORNO DISTINTO QUE AFETA A CAPACIDADE DE APRENDIZAGEM

BICKEL, Rosinete[4]

RESUMO:

O presente estudo visa fornecer uma introdução à complexidade do termo Dispraxia, como transtorno que traz a incapacidade de planear, organizar e executar uma sequência de ações. Relacionado com o Transtorno do Desenvolvimento da Coordenação, não sendo totalmente intercambiáveis, mas descrevem muitas das mesmas dificuldades. Embora se usem os termos "TDC" e "Dispraxia" alternadamente, existe diferenças entre esses dois transtornos e compreender as distinções entre eles e como afeta a capacidade de aprendizagem, contribuirá na busca de um diagnóstico, ocasionando maior conhecimento sobre a temática. Em uma perspetiva crítica, o estudo promove a necessidade das sinalização precoce e avaliação terapêutica, gerando competência de aplicação prática. É importante saber que a dispraxia não é um diagnóstico formal, requerendo acompanhamento e avaliação interdisciplinar com o envolvimento de especialistas, pois mesmo não implicando a presença de défices cognitivos, a capacidade de aprendizagem da criança poderá ser afetada. E em uma abordagem mista, faz-se uma análise com base em uma revisão da literatura, referentes a esse distúrbio, sendo uma área de pesquisa muito necessária.

PALAVRAS – CHAVE: Complexidade**.** Intercambiável. Distinções. Diagnostico. Distúrbio.

1. INTRODUÇÃO

A dispraxia é um distúrbio distinto causado por alterações na programação e planejamento motores, atualmente, um tema de pouco

[4] Graduada em Pedagogia. Especialista em Psicopedagogia pela FaSouza. E-mail: rosi.bickel@hotmail.com

conhecimento e debate, suscitando dúvidas e controvérsia quanto ao seu diagnóstico e possivelmente qual intervenção a ser aplicada. Com o presente trabalho, ambiciona-se contribuir com a finalidade de desenvolver conhecimento, fazendo uma introdução sobre a complexidade do transtorno que afeta a capacidade de aprendizagem, enfocando a sinalização precoce e intervenção terapêutica.

O objetivo deste estudo é promover a compreensão da dispraxia e do desenvolvimento do movimento entre os profissionais que trabalham com crianças, oferecendo um texto acessível aos pais. Identificando quais são exatamente as causas desse transtorno do desenvolvimento, que ainda não é totalmente compreendido cientificamente e através desta identificação, conseguir um diagnostico específico e preciso levando a um tratamento eficaz. Daines e Barrett (1997) afirmam que " quando se tem dispraxia, é difícil fazer seu próprio corpo fazer o que queremos quando queremos" e essas dificuldades podem ser consideradas significativas quando interferem nas atividades normais esperadas. Porém, não é devido a um problema muscular ou anatômico, mas sim à incapacidade de planejar e sequenciar os movimentos simples necessários para realizar um mais complexo, pois o armazenamento de padrões de movimento no cérebro não funciona corretamente. Mas isso também não significa que esteja associado a uma diminuição da capacidade intelectual. Na verdade, essas pessoas geralmente têm inteligência normal.

Explorando levantamentos bibliográficos, estagiando com pessoas que tiveram experiências práticas com a dispraxia, a pesquisa ganhou forma de um estudo que através de análise estimule a compreensão, fornecendo uma introdução a complexidade do transtorno, promovendo a necessidade de terapias centradas especificamente nessa área inexplorada. Definindo, assim, propostas para uma grelha de sinalização e intervenção terapêutica em casos de dispraxia, cujo conteúdo foi validado por contribuições, informações e análises. Essa investigação de carácter inovador poderá constituir um ponto de partida para estudos adicionais e interdisciplinares

sobre a temática, importantes para a melhoria contínua da resposta terapêutica destinada a crianças com dispraxia. As dificuldades de coordenação de um indivíduo podem afetar a participação e o funcionamento das habilidades da vida cotidiana, na educação, trabalho e emprego. Pode haver uma série de dificuldades concomitantes que podem ter sérios impactos negativos na vida diária.

Embora a dispraxia seja frequentemente considerada um termo abrangente para englobar as dificuldades de coordenação motora, ela se refere às pessoas que têm problemas adicionais de planejamento, organização e execução de movimentos na ordem certa em situações comuns do dia a dia, também podendo afetar a articulação e a fala, a percepção e o pensamento. Portanto, dispraxia é um tema que vem merecendo crescente atenção, permitindo assim uma intervenção precoce e medidas práticas para ajudar a criança atingir seu potencial. Crianças cuja dispraxia é identificada em estágio inicial têm menos probabilidade de ter problemas de aceitação.

2. DESENVOLVIMENTO

Quem sofre de dispraxia, não consegue planejar movimentos e ações de maneira orientada, portanto, tem problemas com os processos motores. Isso pode afetar todas as áreas das habilidades motoras, como habilidades motoras grossas e finas ou articulação. A preparação de tais processos é limitada em dispraxos, o que muitas vezes resulta em uma espécie de movimento de busca ao falar. O que funciona automaticamente para outras pessoas requer primeiro pensamento amplo e direcionado em pacientes com dispraxia. As atividades cotidianas devem ser pensadas continuamente com considerável esforço mental, uma vez que o cérebro não é capaz de ancorar sequências de movimento. As crianças afetadas, portanto, parecem inibidas, desajeitadas e não desenvolvidas de forma adequada para sua idade, o que muitas vezes leva a conclusões erradas sobre sua inteligência para quem está de fora. A dispraxia não afeta a inteligência de forma alguma.

Segundo a Dr. Ananya Mandal (2019):

> A condição pode não ser aparente desde o início, dificultando o diagnóstico e a identificação em todas as crianças. Os sintomas são aparentes em apenas cerca de 10% da população e 2% podem apresentar sintomas graves. Não há cura para a dispraxia, mas um diagnóstico e terapia precoces significam maiores chances de melhora." Sendo assim, se considerarmos apenas as crianças com distúrbios motores particularmente percetíveis, que prejudicam a convivência social e o sucesso escolar, fala-se então de 5-6%. Os meninos são mais afetados do que as meninas (AWMFNr. 022/017, 2020). Embora tantas crianças sejam afetadas pela dispraxia, R. Blank (2012) descreve que "o problema é que esse distúrbio é pouco conhecido em grande parte do setor de saúde e educação, não é levada a sério ou é tratado com procedimentos ineficientes por um longo período de tempo.

As causas deste distúrbio psicomotor não são conhecidas com precisão, embora atualmente esteja relacionado a um problema de imaturidade no desenvolvimento neuronal ou lesões sofridas nos estágios iniciais da formação do tecido nervoso como resultado de parto prematuro, ou que isso tenha sido traumático e associado a sofrimento fetal. É de suma importância complementar a descrição de questões de movimento, reconhecendo as muitas dificuldades não motoras que também podem ser vivenciadas por pessoas com o distúrbio e que podem ter um impacto significativo nas atividades de vida diária. Isso inclui memória, percepção e processamento, bem como problemas adicionais com planejamento, organização e execução de movimentos na ordem certa em situações cotidianas. Posto que a dispraxia possa ocorrer de forma isolada, frequentemente coexiste com outras condições, como Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), dislexia, distúrbios de linguagem e comprometimentos sociais, emocionais e comportamentais. Apesar do Transtorno de desenvolvimento de Coordenação e Dispraxia pareçam semelhantes, há uma grande diferença. TDC é o termo formal que os profissionais usam para descrever crianças com certos desafios de desenvolvimento. A dispraxia, por outro lado, não é um diagnóstico formal. No entanto, muitas organizações internacionais, incluindo a Dyspraxia Foundation, descrevem a dispraxia como um tipo de TDC.

Embora os pesquisadores tenham estudado a dispraxia, os profissionais não concordam sobre uma definição adequada dessa condição.

Segundo o site Skills for Action (2016):

> Ao contrário do TDC, não há critérios formais para um diagnóstico de dispraxia e isso torna muito confuso porque diferentes pessoas usam o termo dispraxia de maneiras diferentes". "É também a razão pela qual o diagnóstico de dispraxia não é reconhecido por muitos pediatras e autoridades escolares.

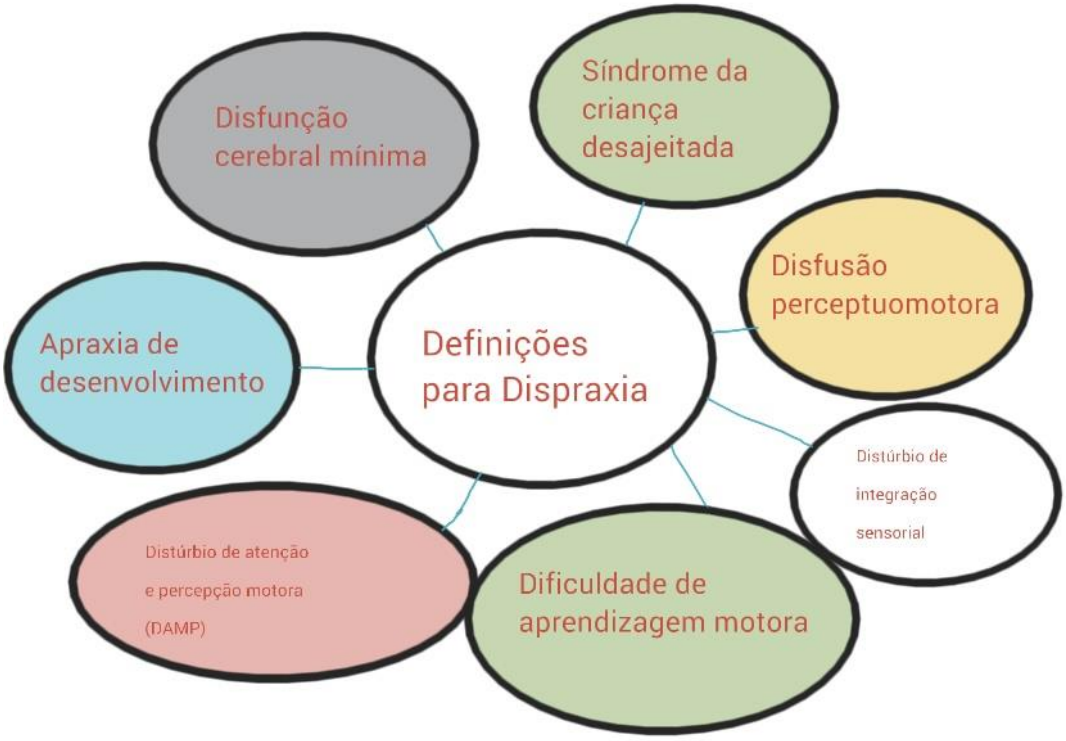
3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A dispraxia foi definida como "um colapso da práxis (ação)" e "a incapacidade de utilizar habilidades motoras voluntárias de maneira eficaz em todos os aspectos da vida, desde a brincadeira até a tarefa estruturada e habilidosa" (Chu & Milloy citado em Bowens & Smith, 1999,3). Alternativamente, uma definição baseada na psicologia é "dificuldades motoras causadas por problemas perceptivos, especialmente dificuldades motoras visuais e cinestésicas" (Portwood, 1996, citado em Gibbs, Appleton & Appleton 2007, 534). Dentro das comunidades médica e científica, a dispraxia é geralmente considerada como um comprometimento ou dificuldades com a organização, planejamento e execução do movimento físico com uma origem desenvolvimento ao invés de adquirida (Gibbs, Appleton & Appleton, 2007).

Embora haja um amplo consenso de que a dispraxia está relacionada a um distúrbio da coordenação do movimento, não há consenso sobre uma definição precisa de dispraxia. O diagrama a seguir resume todas as definições mencionadas acima. Se olharmos com atenção, podemos ver que a dispraxia não está apenas relacionada às habilidades motoras, ela também está relacionada a habilidades de panejamento, organização, comunicação, concentração, fala e escuta deficientes. De acordo com Gibbs, Appleton & Appleton (2007), a dificuldade em definir dispraxia foi agravada pelas várias terminologias usadas ao longo dos anos para descrever crianças com dificuldades de coordenação. A formação dos diferentes profissionais que atendem essas crianças e sua experiência e familiaridade com a doença influenciaram a terminologia.

Os termos mais comumente usados são:

- a falta de jeito da síndrome da criança desajeitada
- disfunção cerebral mínima (MBD)
- apraxia de desenvolvimento
- disfunção perceptuomotora
- dificuldade de aprendizagem motora
- distúrbio de integração sensorial
- distúrbio de atenção e percepção motora (DAMP)
- Transtorno Coordenador do Desenvolvimento (DCD).



FONTE PRÓPRIA DA AUTORA

Quer queira usar o termo TDC ou dispraxia para descrever o transtorno de desenvolvimento de uma criança, há vários tratamentos disponíveis. A combinação da fisioterapia com a terapia ocupacional pode melhorar os

Artigo: A Dispraxia Como Transtorno Distinto Que Afeta a Capacidade de Aprendizagem.
Autor: BICKEL, Rosinete. Págs. 62– 77.

sintomas associados à dispraxia, como tropeçar e dificuldade para realizar as atividades do dia a dia.

3.1 Diagnóstico

A avaliação inicial envolve um relato detalhado da história de desenvolvimento da criança, que faz perguntas sobre quando a criança se sentou pela primeira vez, engatinhou etc. A próxima etapa da avaliação envolve a avaliação do desenvolvimento intelectual. Leitura, escrita e outras habilidades são testadas. As habilidades motoras são avaliadas. Eles examinam movimentos brutos como pular, correr, caminhar, jogar e manter o equilíbrio. Existem testes que examinam as habilidades motoras mais refinadas. Isso inclui observar movimentos bem coordenados, como escrever, traçar, copiar, cortar formas, abotoar, dobrar etc.

3.2 Os primeiros sintomas desse transtorno

Podem começar após atingir o primeiro ano de vida e se tornarem progressivamente mais evidentes, especialmente a partir dos cinco aos onze anos.

A dispraxia é categorizado frequentemente baseado em sintomas específicos. Estes podem ser resumidos como segue -

- Dispraxia de Ideomotor - isto envolve a dificuldade em terminar uma tarefa de uma etapa do motor. Esta podia ser atividades tais como o penteado do cabelo ou deslizar em sapatas.
- Dispraxia ideacional - isto envolve a dificuldade em executar tarefas da multe etapa como os dentes de escovadela, pondo veste-se sobre em ordem, amarrando laços de sapato ou curvatura acima.
- Dispraxia de Oromotor - isto afeta o discurso mais do que outras funções de motor. Dificuldades que coordenam os movimentos do músculo necessários para pronunciar palavras e sílabas.
- Dispraxia estrutural - este tipo de dispraxia afeta a capacidade para compreender relacionamentos espaciais. O movimento dos objetos de um lugar a outro torna-se difícil.

A Dispraxia que afetada a fala, dispraxia verbal (também conhecida como "apraxia da fala na infância") que pode ocorrer juntamente com dificuldades de coordenação motora ou como uma condição separada. Uma definição e informações sobre dispraxia verbal são fornecidas separadamente. A dispraxia verbal é um distúrbio em que as crianças têm problemas com a pronúncia de sons, sílabas e palavras. Não é resultado de fraqueza muscular ou paralisia. O cérebro tem dificuldade em planejar mover as partes do corpo (lábios, mandíbula e língua) necessárias para falar. A criança sabe o que quer dizer, porém tem dificuldade em coordenar os movimentos musculares para dizer as palavras, ela articula corretamente as sílabas individuais, mas quando junta e pede uma velocidade (dialocinese), ela não vai conseguir. A causa exata deste distúrbio não é conhecida. Algumas observações sugerem uma causa genética porque muitos com o transtorno têm uma história familiar de transtornos de comunicação. Com intervenção adequada e intensiva, as pessoas com esse transtorno podem melhorar significativamente.

Novas descobertas divulgadas em outubro de 2015, revelaram uma lacuna significativa no diagnóstico - e, portanto, no tratamento - da dispraxia, entre mulheres jovens e meninas. A pesquisa nacional, encomendada pela Dyspraxia Foundation, relatou que mais da metade (53%) de todas as mulheres entrevistadas disseram que seus professores primários desconheciam suas dificuldades (em comparação com apenas 39% dos homens questionados). 47% das adolescentes relataram a mesma situação na escola secundária, contra 32% dos homens.

Especialistas da Dyspraxia Foundation - a única instituição nacional no Reino Unido dedicada a aumentar a conscientização sobre o transtorno - acreditam que essas descobertas podem refletir as percepções dos professores sobre a dispraxia como um distúrbio amplamente "masculino", deixando as meninas frequentemente esquecidas na sala de aula. Também pode ser possível que as meninas com dispraxia sejam

simplesmente melhores em mascarar suas dificuldades, colocando um esforço extra e recrutando a ajuda de amigos para ajudá-las a lidar com a situação.

De acordo com a Dra. Sally Payne (2020), terapeuta ocupacional pediátrica e curadora da Dyspraxia Foundation, comenta:

> Esta pesquisa realmente sublinhou um padrão que observamos há algum tempo e embora os resultados reforcem uma tendência preocupante de muitas meninas deslizando sob o radar de profissionais de saúde relevantes, nos permite prosseguir com planos para o desenvolvimento de materiais e ferramentas específicos e recursos para meninas e adolescentes, bem como para seus pais e professores." Sally continua: "De muitas maneiras, é uma prova da resiliência, dos mecanismos de enfrentamento e da 'inteligência emocional' das mulheres que elas parecem ser capazes de disfarçar algumas das dificuldades que podem ser mais óbvias nos meninos. No entanto, isso poderia ser facilmente evitado com um diagnóstico e intervenção precoce.

Se o distúrbio não for tão pronunciado, geralmente só se tornam perceptíveis no jardim de infância ou na escola quando as demandas por uma boa coordenação e tempo aumentam. As crianças com esse distúrbio não sabem o que procurar quando se movem e não desenvolvem uma ideia precisa do movimento. Eles próprios não conseguem encontrar estratégias adequadas porque não reconhecem os seus erros. Mais "prática" não ajuda no seu caso, mas solidifica seus erros. Sem apoios específicos, a criança sempre pisa no mesmo lugar, só consegue desenvolver suas habilidades motoras com grande dificuldade, e depois de um tempo perde a vontade de aprender.

3.3 Intervenção

Em qualquer caso, a abordagem terapêutica da dispraxia é necessariamente multidisciplinar, uma vez que deve incluir fisioterapia, fonoaudiologia e neuropsicologia (esta última apenas no caso de dispraxia ideacional). Assim, os distúrbios motores serão tratados por fisioterapeutas, o fonoaudiólogo tratará dos distúrbios da fala e os neuropsicólogos tratarão das apraxias ideacionais. Se houver afetação na área emocional, a terapia ajudará a criança a lidar com situações

estressantes e desenvolver habilidades sociais. O envolvimento dos pais é fundamental para que essas terapias de suporte também sejam realizadas em casa e promovam a autoestima da criança.

Existem outros tratamentos para crianças com dispraxia, de acordo com a organização sem fins lucrativos Smart Kids. Isso inclui terapia da fala e da linguagem, optometria comportamental e intervenções psicológicas. Um programa de tratamento integrado que incorpora tratamentos como treinamento de habilidades acadêmicas, alimentação saudável e construção de confiança pode ser eficaz para crianças com dispraxia. Os Centros de Equilíbrio Cerebral podem ajudar com os desafios associados a essa condição. Compreender a diferença entre TDC e dispraxia pode ser difícil. A maioria dos médicos concorda que a dispraxia é difícil de definir e foi menos estudada do que o TDC. Já o tratamento para a dispraxia verbal é mais eficaz quanto mais cedo é iniciado e realizado pelo fonoaudiólogo. Baseia-se na repetição, com o objetivo de memorizar e automatizar essas palavras, através de técnicas utilizadas pelo referido profissional da voz. A consistência na forma de comunicação, assim como o desenvolvimento e uso da comunicação oral são muito importantes para auxiliar a criança no processo de aprendizagem da fala.

Emma Lewell-Buck MP para South Shields é embaixadora da Dyspraxia Foundation. Ela própria foi diagnosticada com a doença aos 27 anos, enquanto estudava para o mestrado em Serviço Social e - apesar de ser uma defensora extremamente positiva de como a dispraxia "nunca deve parar os sonhos de um jovem" - ela também falou abertamente sobre os desafios que enfrentou antes para o diagnóstico dela.

Em uma entrevista, Emma explicou certa vez:

> Não posso usar delineador porque você precisa ter uma mão firme. Cada vez que tento, acabo com uma grande linha no rosto. Se eu tivesse alisadores, você pode garantir que me queimaria. Eu estava lutando, mas coisas como essa não estavam na agenda quando eu estava na escola, então muitas vezes fui arrastado para o mau comportamento. Na verdade, era uma maneira de dizer: Não posso fazer isso e não sei por que, porque ninguém está ajudando. (s.a.)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando a maioria das pessoas se prepara para sair de casa, tudo será feito automaticamente, porém quando se é dispráxico, precisa pensar e se concentrar em cada pequeno detalhe e em cada movimento que o seu corpo faz. Essa falta de coordenação pode significar que às vezes ande-se desajeitadamente, ou os movimentos podem ser bastante desajeitados. Na consciência espacial e na distância, o que significa descer escadas, cruzar a rua e navegar em multidões, sem esbarrar em outras pessoas ou objetos, pode ser difícil.

A dispraxia pode afetar todas as fases e aspectos do crescimento de uma criança, incluindo físico, social, memória, linguagem, desenvolvimento sensorial, crescimento intelectual e emocional. Pode haver problemas subjacentes com a linguagem, opinião e pensamento que levam ao comprometimento do processo de aprendizagem. Apesar do aumento das pesquisas sobre dispraxia, ainda são escassos os artigos publicados em vários países, e no Brasil. Quanto aos instrumentos de avaliação encontrados nos artigos científicos, há uma recomendação sobre a associação de instrumentos de avaliação motora e entrevista ou questionários que investiguem o comportamento motor das crianças com pais e professores para melhor definição do diagnóstico da dispraxia.

Portanto esta condição vitalícia não deve ser confundida com um distúrbio intelectual. Na verdade, as pessoas com dispraxia podem ter inteligência média ou acima da média. Não há cura para a dispraxia, mas pode ser gerenciada com sucesso. Com as terapias certas, podem melhorar as habilidades organizacionais e motoras para que possam viver a vida ao máximo.

REFERÊNCIA

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. <Links>Acesso: Agosto 2021.Diagnostic and statistical manual of mental disorders. 4th ed. **Washington: American Psychiatric Association**;1994.

BLANK, R. (2012). Umschriebene Entwicklungsstörungen mototrischer Funktionen –
Definition, Diagnose, Ätiologie**, Verlauf. In Kinderärztliche Praxis**, 83, Nr. 1, 14-18.

CAIRNEY, J VELDHUIZEN *et al* S Scott: Is developmental coordination disorder a fundamental cause of inactivity and poor health-related fitness in children? **In: Developmental Medicine & Child Neurology.** 55 (Suppl. s4. S. 55–58.), 2013

COLLEY, M. Living with Dyspraxia. A Guide for Adults with developmental Dyspraxia. **Revised Edition**. 2006

FERREIRA LF *et al* NASCIMETO RO, Desordem da coordenação do desenvolvimento. **Rev Motiz.** 2006;12(3):283-92.

GOODGOLD-EDWARDS, S.A.*et al* CERMAK, S.A. Integrating motor control and learning concepts with neuropsychological perspectives on apraxia and developmental dyspraxia. **American Journal of Occupational** □erapy, v.44, n.5, p.431-439, 1990.

HARTMANN, P. Der CO-OP-Ansatz als ergotherapeutische Intervention für Kinder mit UEMF. Effektiver Transfer von Fertigkeiten und Strategien in den Alltag? **(Masterarbeit). fhg**, Innsbruck, 2017

HARTMANN, P., *et al* SCHÖNTHALER, E. (2020). Generalisierung und Transfer von Fertigkeiten und Strategien nach Therapie mit dem CO-OP-Ansatz bei Kindern mit einer Umschriebenen Entwicklungsstörung der motorischen Funktionen **(UEMF)-eine mixed-method Studie.** *Ergoscience*, *15*(4).

DAINES, B *et al* BARRETT, J. Dyspraxia – A Guide for Teachers and Parents. **David Fulton Publishers.** 114 Pages. Published January 1, 1997

MAGALHÃES LC, Rezende MB. Avaliação da coordenação e destreza motora - ACOORDEM: etapas de criação e perspectivas de validação. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**. 2004;15(1):17-25.

MAIER, S. B. Praxie, Dyspraxie und Apraxie bei Kindern. Irrwege der Definition. **München: Medizinische Fakultät der Ludwig-Maximilians-Universität**, 2006

MARTIN NC, Piek JP, Hay D. DCD and ADHD: a genetic study of their shared a etiology. **Hum Mov Sci.** 2006;25(1):110-24.

MIRANDA, Talita Barbosa. Desempenho motor e estado nutricional de escolares com e sem transtorno do desenvolvimento da coordenação. **Rev. bras. cineantropom. desempenho hum. (Online) [online]**. vol.13, n.1, pp.59-66. ISSN 1980-00

ORGANIZAÇÆO MUNDIAL DA SAÚD. Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. <Links> **Porto Alegre: Artes Médicas**;1993.

PAPST, Josiane Medina **Dicas de aprendizagem auxiliam as crianças com TDC na aquisição de uma habilidade motora complexa? Complexa?** Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 34, n. 2, p. 477-494, abr./jun.2012.

PRADO, MSS; MAGALHÃES, LC; WILSON, BN. **Cross-cultural adaptation of the Developmental Coordination Disorder Questionnaire for Brazilian children**. Rev. bras. fisioter. [online]. vol.13, n.3, pp.236-243. Epub Apr 17, 2009. ISSN 1809-9246. 2009.

RODRIGUES, A. A. C. **Validade da avaliação da coordenação e destreza** motora – ACOORDEM para crianças de 7 e 8 anos de idade, 2011. 196 f... Tese (Doutorado em Ciências da Reabilitação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação, Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Belo Horizonte, MG, 2011.

SANTOS, Paola. **Paul Otlet: um pioneiro da organização das redes mundiais de tratamento e difusão da informação registrada**. Ci. Inf., Brasília, v. 36, n. 2, p. 54-63, maio/ago. 2007.

SILVA, Juliana da. **Indicativo de transtorno do desenvolvimento da coordenação de escolares com idade entre 7 e 10 anos.** Rev. Bras. Ciênc... Esporte vol.35 no.1 Porto Alegre jan./Mar.2013.

RODGER S, Mandich A. Getting the run around: accessing services for children with developmental co-ordination disorder. **Child Care Health Dev**. 2005;31(4):449-57.

SALLY, Payne *et al* GILLIAN, Ward. First Published August 20, 2019 Research Article

SUMMERS, J *et al* LARKIN D, Dewey D. Activities of daily living in children with developmental coordination disorder: dressing, personal hygiene, and eating skills. **Hum Mov Sci.** 2008;27(2):215-29

STRACKER, L. M. et al. Rationale, design, and methods for a randomized and controlled trial of the impact of virtual reality games on motor competence, physical activity, and mental health in children with developmental coordination disorder. **BMC Public Health**, v.11, p.654-666, 2011.

STEPHENSON EA, Chesson RA. "Always the guiding hand": parents' accounts of the long-term implications of developmental co-ordination disorder for their children and families. **Child Care Health Dev**. 2008;34(3):335-43.

TONIOLO CS, Santos LCA, *et al* LOURENCETI, MD, Padula. Caracterização do desempenho motor em escolares com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. **Psicopedagogia**. 2009;26(79):33-40.

ULRICH, D. A. Test of gross motor development - second edition. **Austin: Pro-Ed**., 2000

WAELVELDE, H.V. Developmental coordination disorder: a developmental delay? **Palestra**, v.23, n.1, p.57-59, 2007.

WILSON PH. Practitioner review: approaches to assessment and treatment of children with DCD: an evaluative review. **J Child Psychol Psychiatry**. 2005;46(8):806-23

VAN WAELVERDE H, *et al* D. WEERDT. Aspects of validity of the Movement Assessment Battery for Children. Hum Mov Sci. 2004;23(1):49-60

ZWICKER, J. G. Neural correlates of developmental coordination disorder: a review of hypotheses. **Journal of Child Neurology**, v.24, n.10, p.1273-1281, 2009.

ZWICKER, J.G. et al. Developmental coordination disorder: a review and update. **European Journal of Pediatric Neurology**, v.16, p.573-581, 2012